

ENSAIOS

ACADÊMICOS





ESTUDO DO JARDIM GEOLÓGICO PARA O CENTRO DE GEOLOGIA DA UNESP RIO CLARO

Prof. Dr. Luiz Augusto Maia Costa

Tutor do PET Arquitetura e Urbanismo

Prof. Dr. Washington Barbosa Leite

Tutor do PET Geologia UNESP Rio Claro

Prof. Dr. José Eduardo Zaine

Colaborador

Prof. Dr. Giancarlo Scardia

Colaborador

O estudo do projeto do Jardim Geológico, foi pensado a partir da parceria entre o PET Geologia da Unesp Rio Claro e o PET Arquitetura e Urbanismo da PUC Campinas, visando uma proposta inovadora para o que seria o primeiro Jardim Geológico do Brasil.

Um jardim geológico é uma exposição permanente de amostra de fósseis e rochas, cujo percurso expositivo tem por objetivo mostrar a história geológica de uma região, ou do Planeta, à partir da classificação das Eras Geológicas, cuja idade e cores representativas são normatizadas pelo International Chronostratigraphic Chart (IUGS): Pré-Cambriano (4600 – 541 Ma), Paleozóico (541 – 251 Ma), Mesozóico (251 – 66 Ma) e Cenozóico (66 Ma – Presente). Esta informação temporal é então espacializada no percurso expositivo, onde cada trecho corresponde, em metros, à idade em anos.



PET Arquitetura e Urbanismo PUC Campinas

Alunos de Graduação da FAU PUC Campinas

Beatriz Engholm; Carolina Crocco; Ingrid Sanches; João Pedro Tofano;
Júlia Mascia; Leonardo Francischi; Matheus Moura; Vitória Capeli.

PET Geologia UNESP Rio Claro

Alunos de Graduação do ICGE UNESP Rio Claro

Ana Carolina Alves; André P. Figols; Barbara Panegassi; Bruna V. Sampaio;
Caio Novais Silva; Cynthia C. da Silva; Felipe Henrique Pires; Gabriel
G. Fernandes; Isabella Franco; Jéssica T. Katayama; Mateus Melito;
Matheus Henrique Silva; Matheus Mistrinel; Nadine C. Pivetta; Paulo
Henrique Camargo; Raphael Parra; Sarah Lacerda; Thais C. Santos.

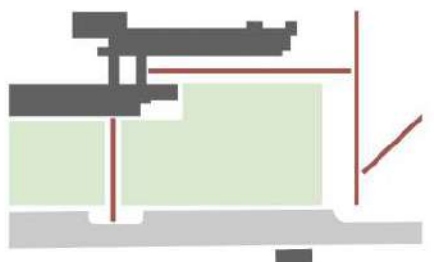




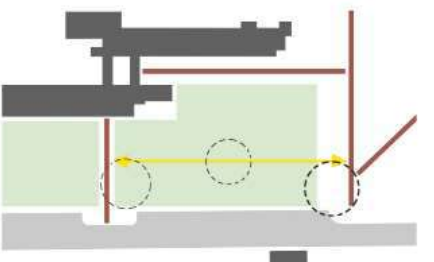
Área de estudo



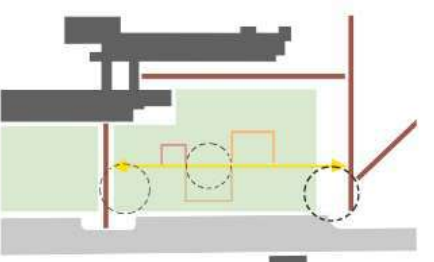
Caminhos já existentes



Gramado existente



Eixo principal ligando os caminhos já existentes e praças propostas



Percurso das Eras Geológicas

O estudo se baseou nas demandas do PET Geologia que busca por um espaço cujo o percurso inclui de forma cronológica, as eras do planeta Terra, acompanhadas de amostras de fósseis e rochas referentes a era em questão.

A princípio a ideia foi de um espaço de passagem, como um museu a céu aberto, onde pudessem ocorrer visitas guiadas com turmas de escolas e visitas autoguiadas de qualquer um que quisesse passar pelo espaço.

Posteriormente surgiu a ideia da criação de espaços de convivência e permanência podendo ocorrer atividades interativas vinculadas com a geologia.

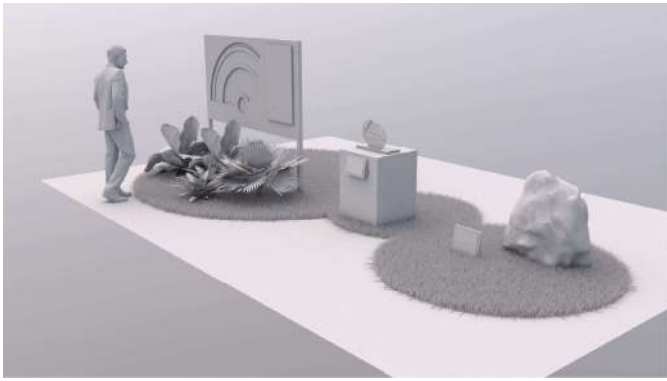
O público alvo não se limita aos estudantes da Universidade Estadual Paulista, mas abrange também os moradores da cidade de Rio Claro que frequentam diariamente o campus, usufruindo do espaço público.

Além disso, foram propostas também, três praças ao longo do trajeto, a Praça das Esferas, a Praça dos Continentes e a Praça da Geodiversidade, todas pensadas para agregar às excursões escolares realizadas no Campus ou para uso dos próprios alunos e professores da instituição.

Através da parceria dos grupos PETs, o resultado do estudo do anteprojeto aqui representado, se resume em um espaço de ensino, convivência e integração dos possíveis visitantes.



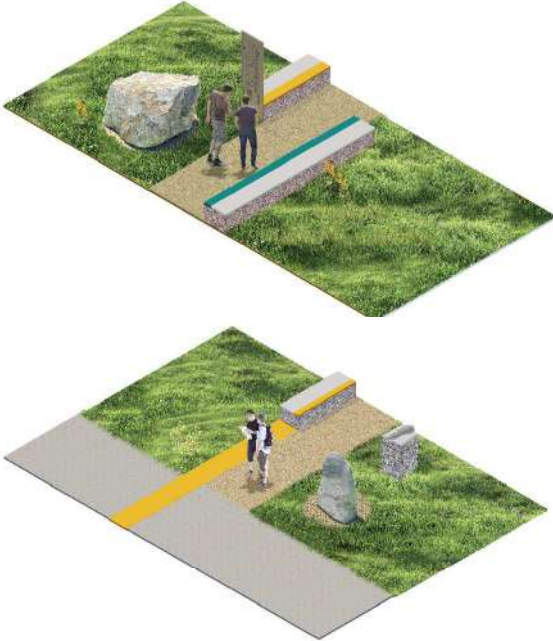
Perspectiva geral



Estudo inicial de informações visuais



Entrada para o eixo principal



Detalhe de mobiliário



Praça da Esferas



Praça dos Continentes



Praça da Geodiversidade

MATERIAIS E TÉCNICAS CONSTRUTIVAS

Canteiro de Obras realizado nas disciplinas de
Materiais e Técnicas construtivas A e B.
Fábio Boretti Netto de Araújo;
Maxim Bucaretschi.

As disciplinas de Materiais e Técnicas Construtiva A e B, realizadas pelas salas 203 e 103, respectivamente, no primeiro semestre do ano de 2019, tem como objetivo, como o próprio nome diz, ensinar técnicas construtivas. Sendo, em MATEC A o foco em alvenarias estruturais e estrutura independente da vedação, o concreto.

Em MATEC B a ênfase se dá na exploração da tecnologia em construção de Madeira e Metal. Em ambas as matérias os alunos desenvolvem em sala projetos com cada material determinado, para ver como cada equipe cria uma solução única com os diferentes materiais. Porém, apenas no papel, nem sempre fica claro o entendimento de como funciona a obra, e com o auxílio da atividade do canteiro podemos finalmente entender o que estamos desenhando, como funciona, ampliando e aprimorando o aprendizado, sempre em parceria com os próprios alunos, monitores, pedreiros e os professores responsáveis: Fábio Boretti Netto de Araújo e Maxim Bucaretschi.

Do papel para o canteiro
Canteiro traz a prática
Prática que podemos experimentar
Experimento para renovar
Renovar e crescer
Crescemos para aprender
O aprender precisa explorar
Explorar a técnica
Explorar os materiais
Explorar os espaços
Explorar as mudanças
Imprevistos
Improvisos
De construir
Para viver
De projetar
Para ser
A arquitetura
Do canteiro para o papel.

Autora: Carolina Mescollotto Moretti

Aluna da disciplina de Materiais e Técnicas Construtivas B do
curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Campinas.







Na faculdade de arquitetura e urbanismo, toda disciplina que contempla em seu currículo atividades de canteiro, tem valor fundamental na formação dos arquitetos ali presentes. A possibilidade de estar em um canteiro real, organiza-lo e entender suas necessidades e fluxos é uma experiência chave para compreensão de aspectos de compromisso com o projeto criado e como ele é executado.

Nessa atividade elementos naturais da rotina de um arquiteto se apresentam, como o contato com fornecedores, orçamentos, decisões de obra e reaproveitamento de materiais, sendo eles também as ferramentas para uma construção seca e inteligente. Há a introdução de novas condicionantes como a relação de tempo de secagem, corte e produção entre cada material e elementos construídos, que por sua vez também possuem uma ordem lógica para se apresentarem na construção.

Dentro de um canteiro, o trabalho em grupo, comunicação e organização são os pilares para uma produção de qualidade com bom fluxo de trabalho. Sendo assim experiência empírica completa a compreensão do arquiteto sobre seu trabalho, a participação em canteiro mostra novos aspectos de projetar, como a logística da produção dos componentes, entrega dos mesmo em obra, adaptações e mudanças que o projeto naturalmente sofre para poder existir.

Autor: Vinícius Piccolomini

Aluno da disciplina de Materiais e Técnicas Construtivas B do curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Campinas.

No decorrer da construção da mesa, pudemos perceber a importância do estudo prático, onde além de estudar os conceitos também aprendemos pela ação de construir, e só assim podemos ter o completo entendimento e dar relevância à exatidão, cuidado e atenção. Foi no canteiro que pudemos entender quais são os primeiros passos para se construir desde uma simples mesa até um prédio com muitos andares e estrutura, entendemos também quais materiais deveriam ser utilizados e como utilizá-los corretamente, sempre com a ajuda dos professores e do pedreiro que assessorava os alunos.

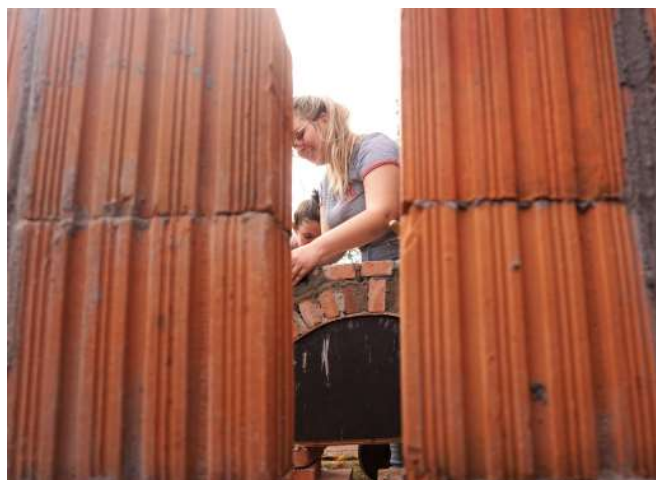
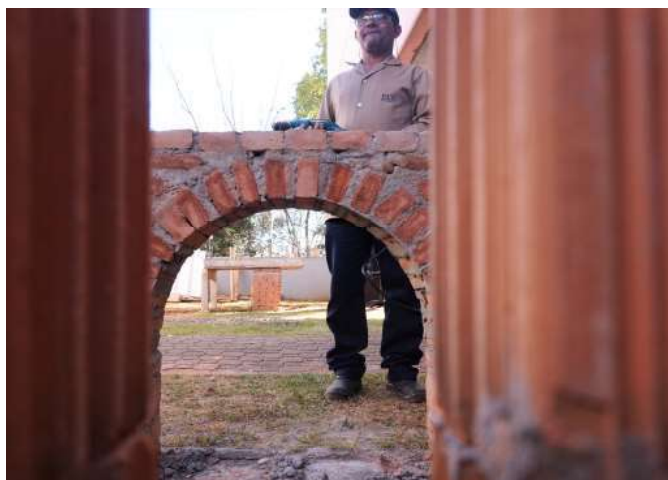
O canteiro é uma atividade intensa, onde vemos a realidade em questão de preço dos materiais e mão de obra, disponibilidade dos trabalhadores e perfeição das etapas. A atividade nos faz crescer como arquitetos, entendendo todos os processos na prática e também encontrando a melhor solução

para os imprevistos. Proporciona também o trabalho em grupo e exige uma comunicação clara e aberta entre as pessoas o que colabora para o crescimento pessoal e profissional daqueles que estão ali.

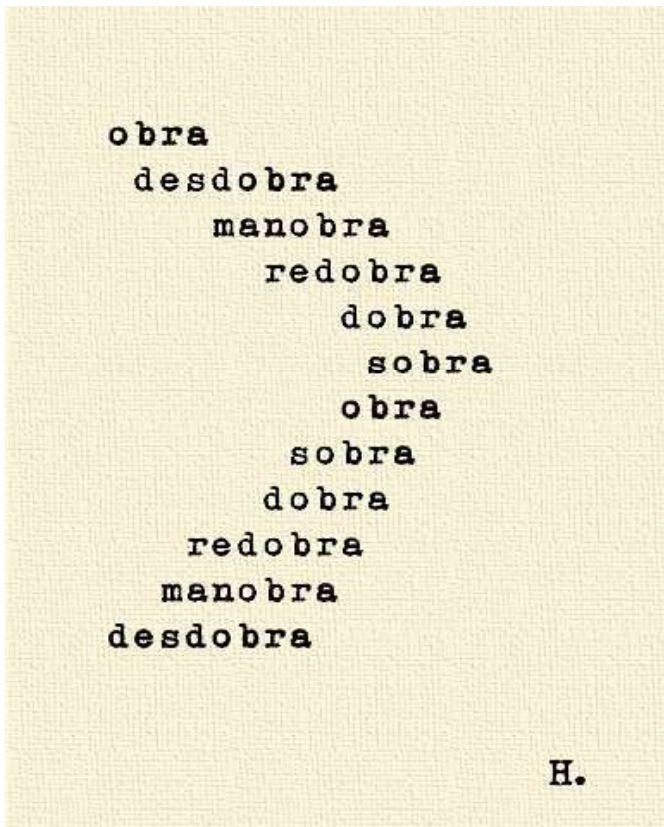
Colocar em prática o conceito, entender as etapas e os processos com a ação é a melhor forma de realmente aprender e entender o que está sendo estudado, por isso consideramos de extrema importância a realização do Canteiro e das atividades práticas.

Autora: Giulia Rizzo Furlan

Aluna da disciplina de Materiais e Técnicas Construtivas A do curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Campinas.







Autor: Henry Farkas

Aluno da disciplina de Materiais e Técnicas Construtivas B do curso de
Arquitetura e Urbanismo da PUC-Campinas.

Fotografia: Carolina Mescollotto Moretti

Aluna da disciplina de Materiais e Técnicas Construtivas B do curso de
Arquitetura e Urbanismo da PUC-Campinas.

INTERNATIONAL ARCHITECTURE COMPETITION - ROME COLLECTIVE LIVING CHALLENGE

Beatriz Cressoni

6º Sem. FAU PUC Campinas

Carolina Mescollotto Moretti

6º Sem. FAU PUC Campinas

Gabriel Grothge Faria

6º Sem. FAU PUC Campinas

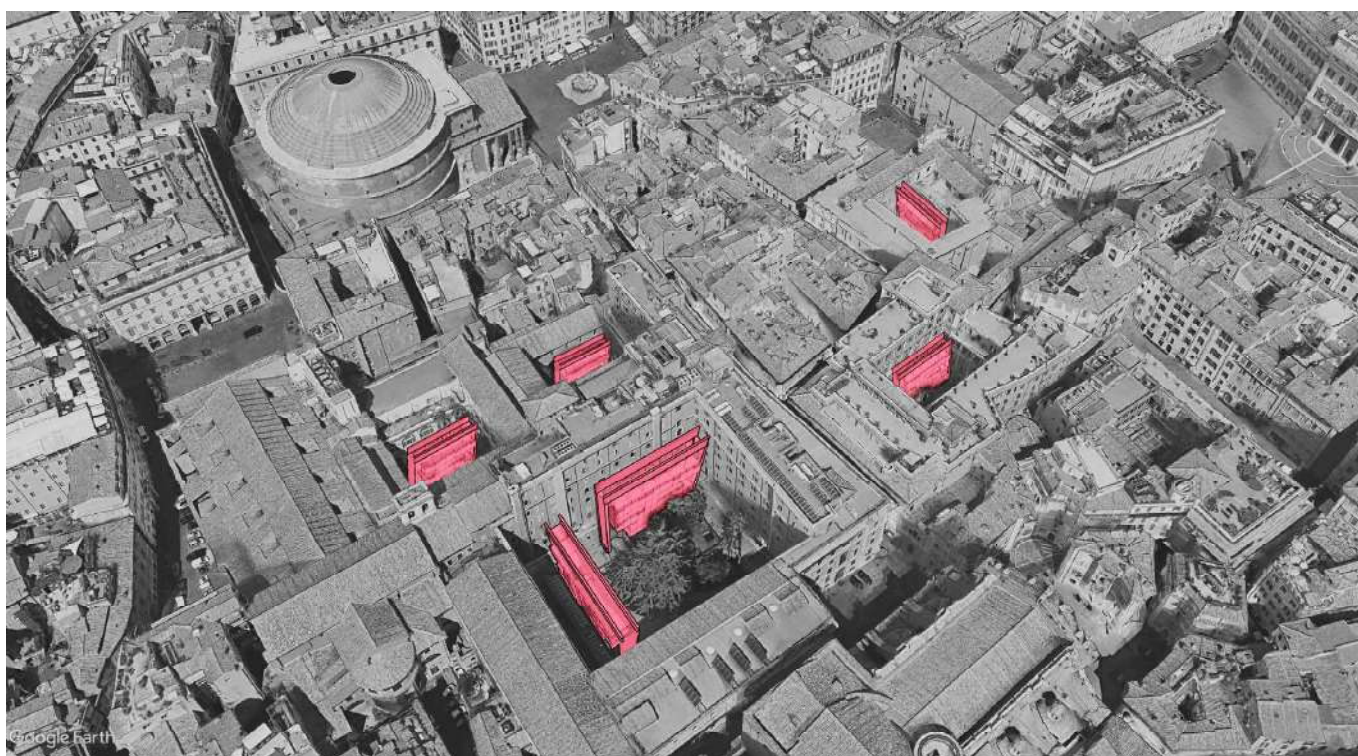
Henry Farkas

6º Sem. FAU PUC Campinas

O espaço de co-living de Roma tem o propósito de trazer o velho estilo de vida romano para a contemporaneidade, reutilizando os espaços internos dos palazzos, que atualmente são utilizados como estacionamentos e muitas vezes não possuem um uso específico. Sendo Roma uma cidade densa de diversas camadas históricas, foi crucial sua preservação para que desta forma apenas o edifício fosse implantado, sem a obstrução da paisagem.

O objetivo era propor uma arquitetura que

se encaixe na cidade sem deixar de lado a história, sendo a escolha do centro da cidade uma grande contribuição. A proporção dos espaços possui um modelo que segue o gabarito dos palazzos¹, entretanto, sem a obstrução de sua vista. Para o transeunte da cidade, este não verá a nova construção, deixando a cidade com o mesmo horizonte. Usando a lógica de cheios e vazios, cria-se uma distribuição que sugere tensão e uma forma única. O piso térreo é elevado para dar aos



¹Palazzos – Tipologia muito conhecida e utilizada no período do renascimento, que abrigava as famílias do período e marca a transição do estilo de construções fortificadas utilizadas no período medieval, para o renascimento.



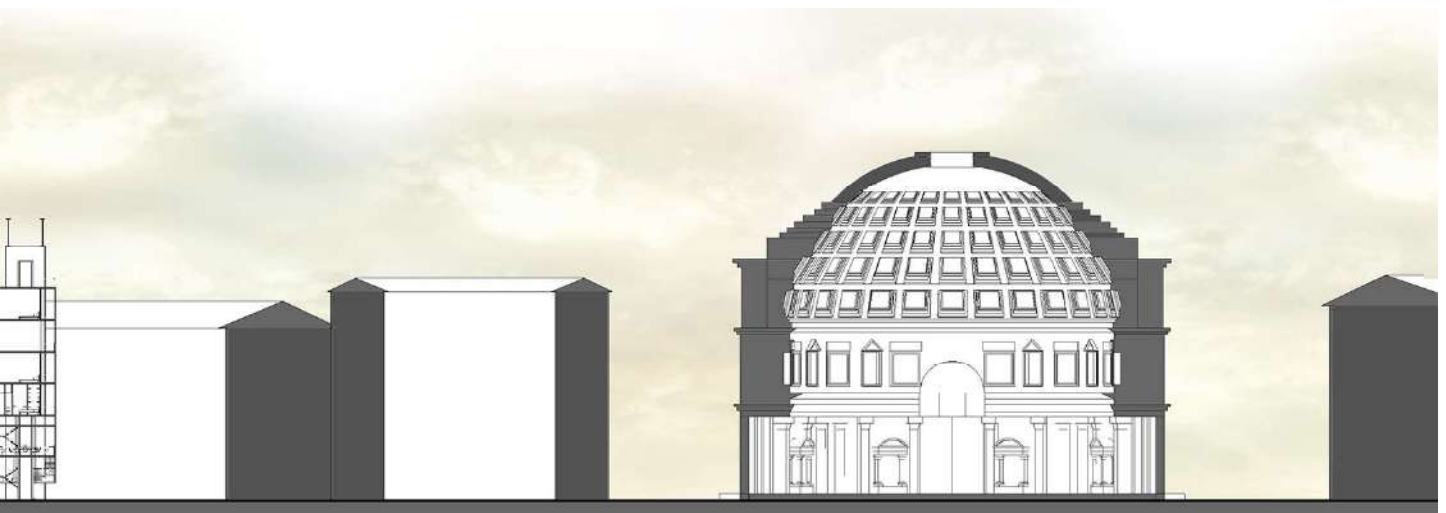
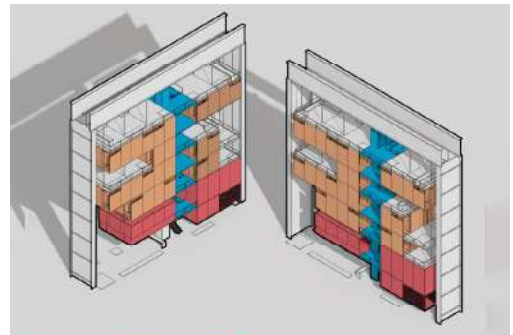
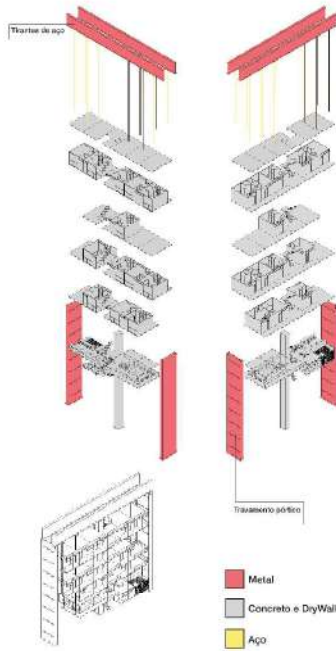
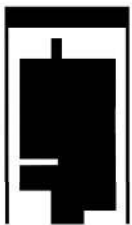
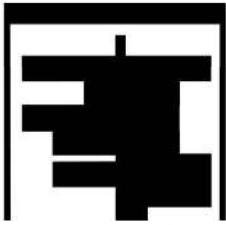
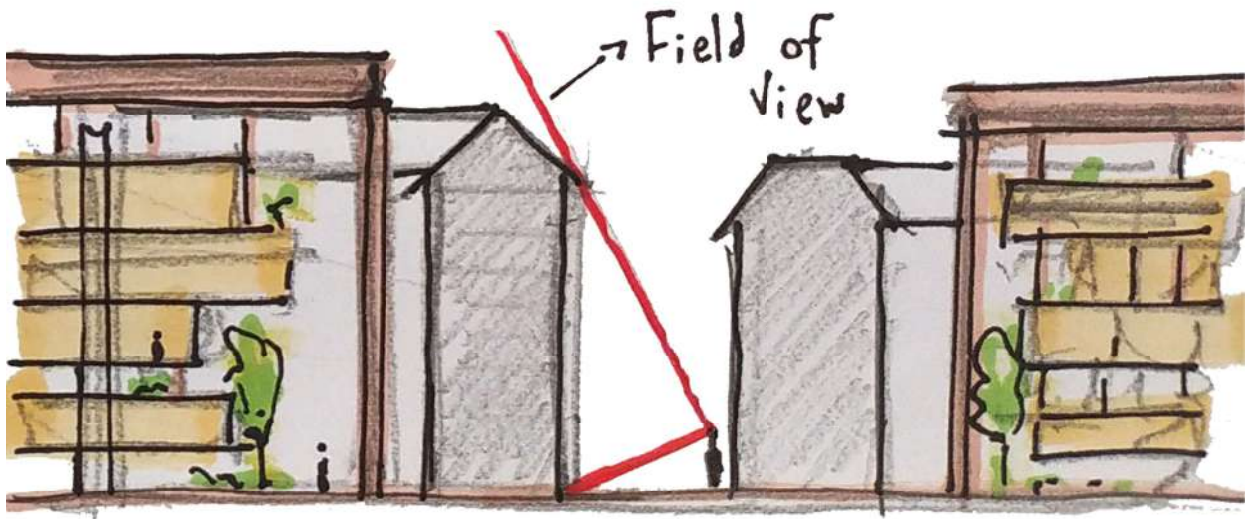
moradores privacidade, contudo a proximidade com a cidade ainda persiste. Devido a sua lógica modular, é fácil adicionar ou remover colunas e linhas do projeto a fim de uma melhor adequação aos diferentes palazzos, dando a possibilidade de criar formas distintas e exclusivas.

A estrutura é composta por um grande pórtico metálico, que suporta todos os módulos que compõem o programa do edifício. Os módulos são instalados com cabos nas vigas superiores, sugerindo que os volumes flutuam ao nível dos olhos quando vistos do solo. O único pilar que não faz parte do pórtico é o que compõe a câmara do elevador,

ajudando a manter o meio da estrutura e aliviando o estresse dos outros dois pilares metálicos. Em relação ao programa, este possui dois momentos: os espaços íntimos e compartilhados.

Cada morador possui seu próprio quarto e banheiro, com um pequeno closet. Para as áreas compartilhadas, há uma cozinha, um local de trabalho comum e uma sala de estar que unem as pessoas, estimulando a coexistência entre o individualismo atual. O exterior é formado por canteiros de flores minimalistas, que trazem as áreas verdes dentro do próprio edifício, formando espaços abertos de convivência.





UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE - PROJETO G

Ana Laura Cubateli Targa

7º Sem. FAU PUC Campinas

Guilherme Yukio Yoshihara

7º Sem. FAU PUC Campinas

Luiz Felipe Sedenho

7º Sem. FAU PUC Campinas

Nayara Gracinao Alves Ferreira

7º Sem. FAU PUC Campinas

Nicole Beatriz Gonzalez Mannis

7º Sem. FAU PUC Campinas

Residentes em edifícios que em sua maioria não foram pensados para abrigar tal finalidade, as Unidades Básicas de Saúde (UBS's) atuais sofrem com o despreparo das construções em que se encontram e esbarram em diversos problemas como impossibilidade de ampliação, inflexibilidade de ambientes e problemas até mesmo com a iluminação.

O projeto, realizado para a disciplina de Projeto G da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, cria um módulo mínimo que pode ser multiplicado indefinidamente em ambos os sentidos resultando na criação de uma UBS que poderia, no futuro, se expandir, tornando-se até mesmo um hospital.

Resolvendo ainda problemas intrínsecos ao programa proposto, como a necessidade de iluminação natural independente da localização da sala dentro do conjunto total, sendo que muitas vezes não é possível haver janelas.

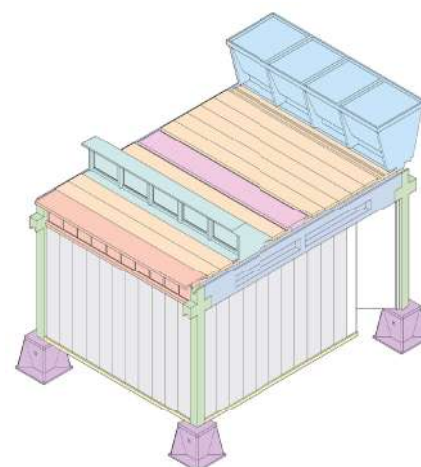
O módulo é constituído por peças feitas em argamassa armada que se unem em argamassagem de segunda etapa, portanto, todas possuem peso próprio baixo (no máximo 40 quilos), podendo ser montadas rapidamente por uma equipe sem a necessidade de grandes máquinas de construção.

O módulo é constituído por: quatro pilares ligados por duas vigas, placas de fechamento lateral (que podem ser substituídas por peças de porta ou placas de shaft), placas de telhado (que podem ser substituídas por peças de shed ou compensadores de meio módulo) e por fim, compensadores de fim de módulo que podem ser substituídos por caixas d'água.

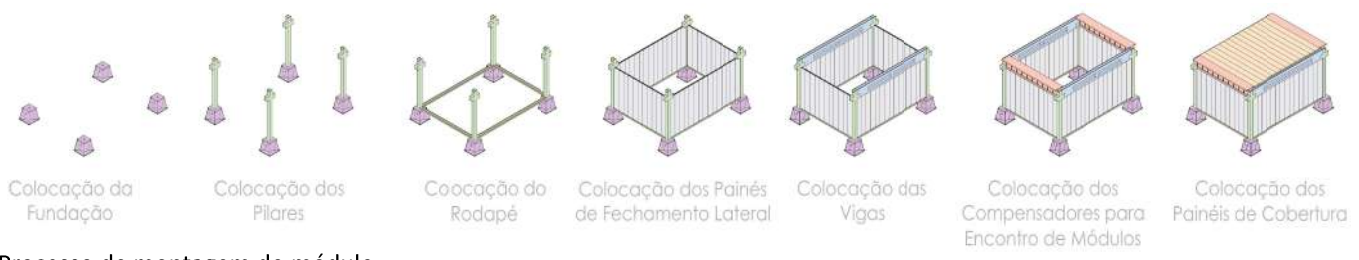
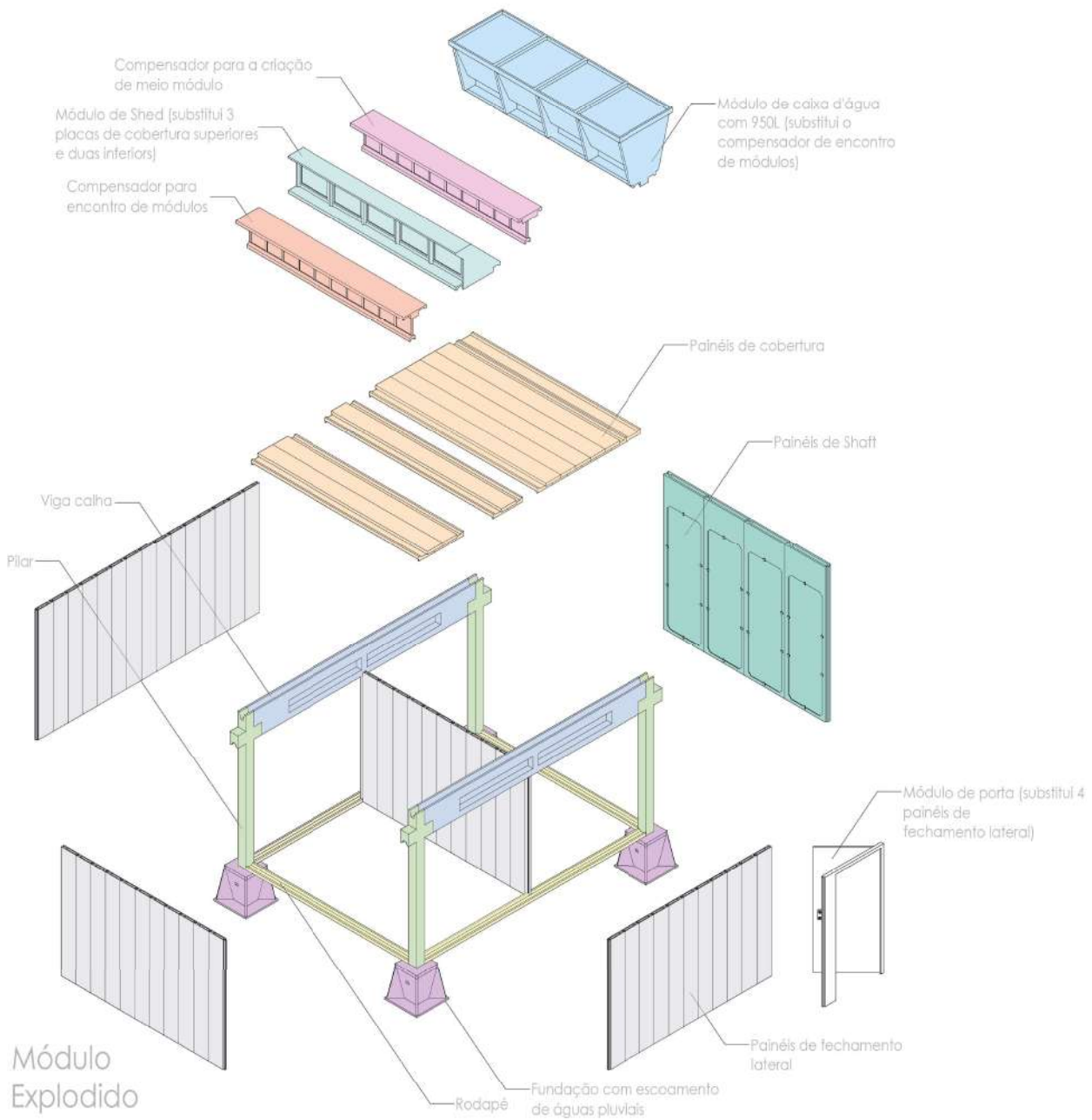


IMPLANTAÇÃO COM SETORIZAÇÃO

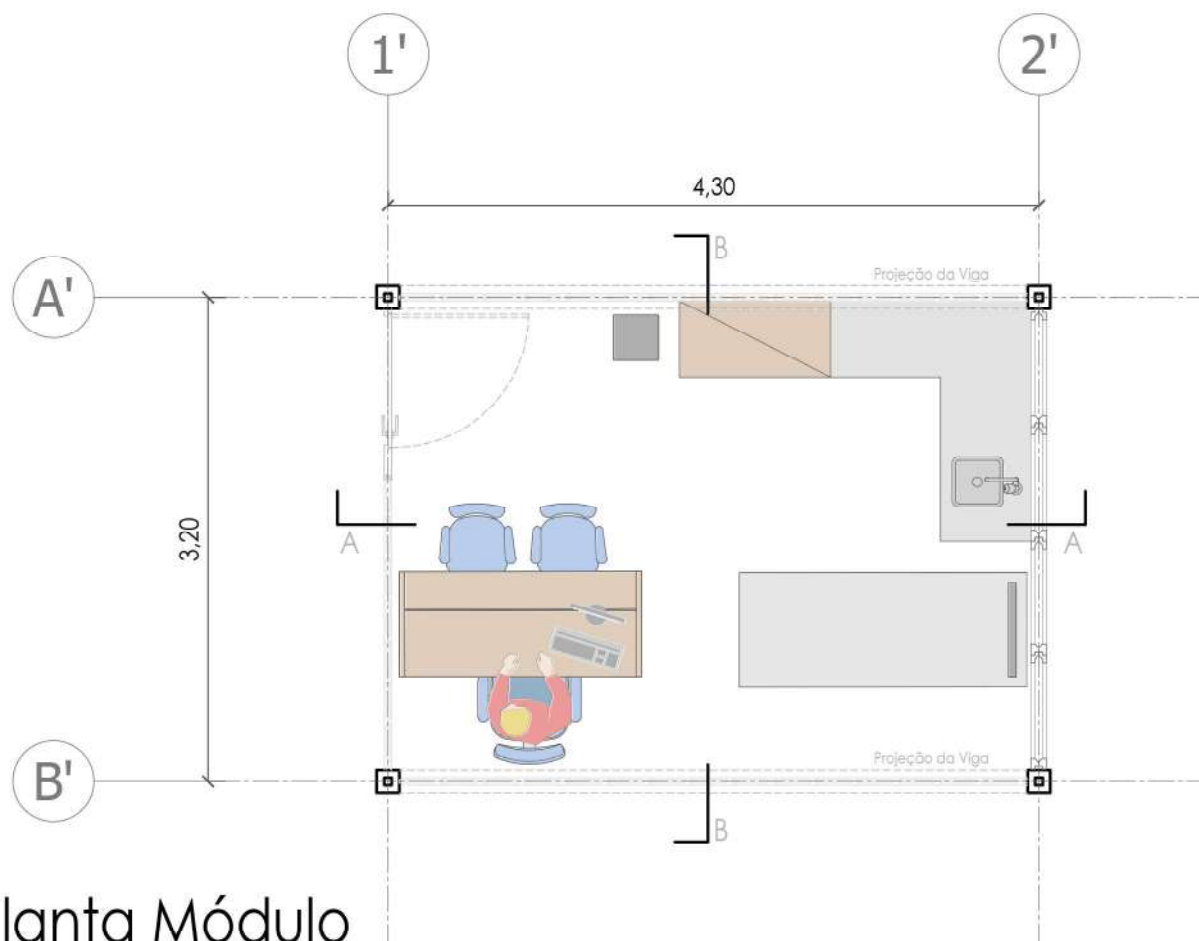
INFRAESTRUTURA	ADMINISTRAÇÃO	ÁREAS VERDES
APOIO	ODONTOLOGIA	CALÇADAS
ATENDIMENTO MÉDICO	RECEPÇÃO	RUAS



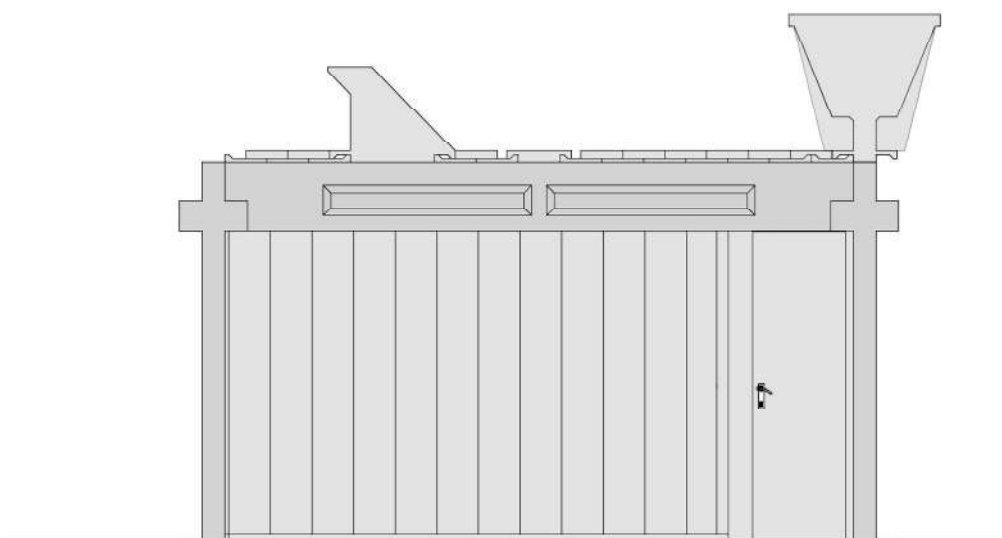
Módulo Montado



Processo de montagem do módulo

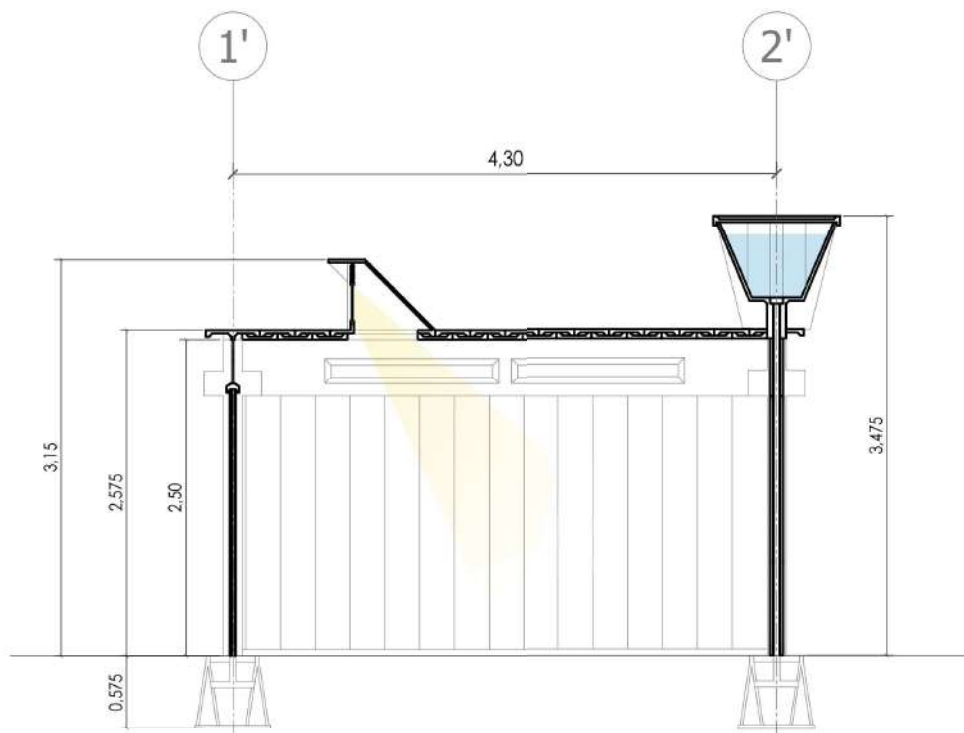


Planta Módulo

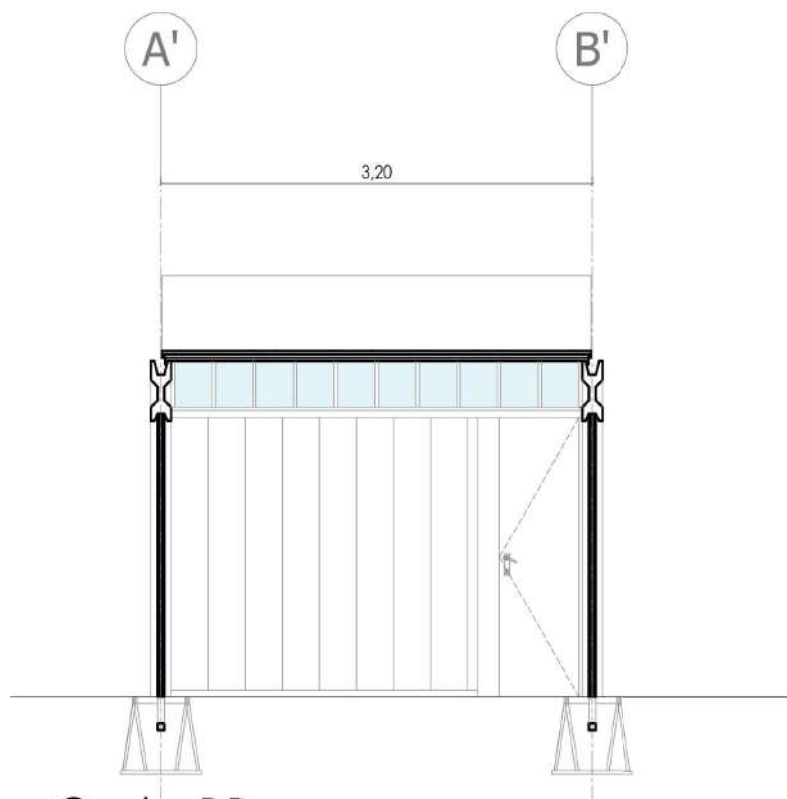


Elevação do Módulo



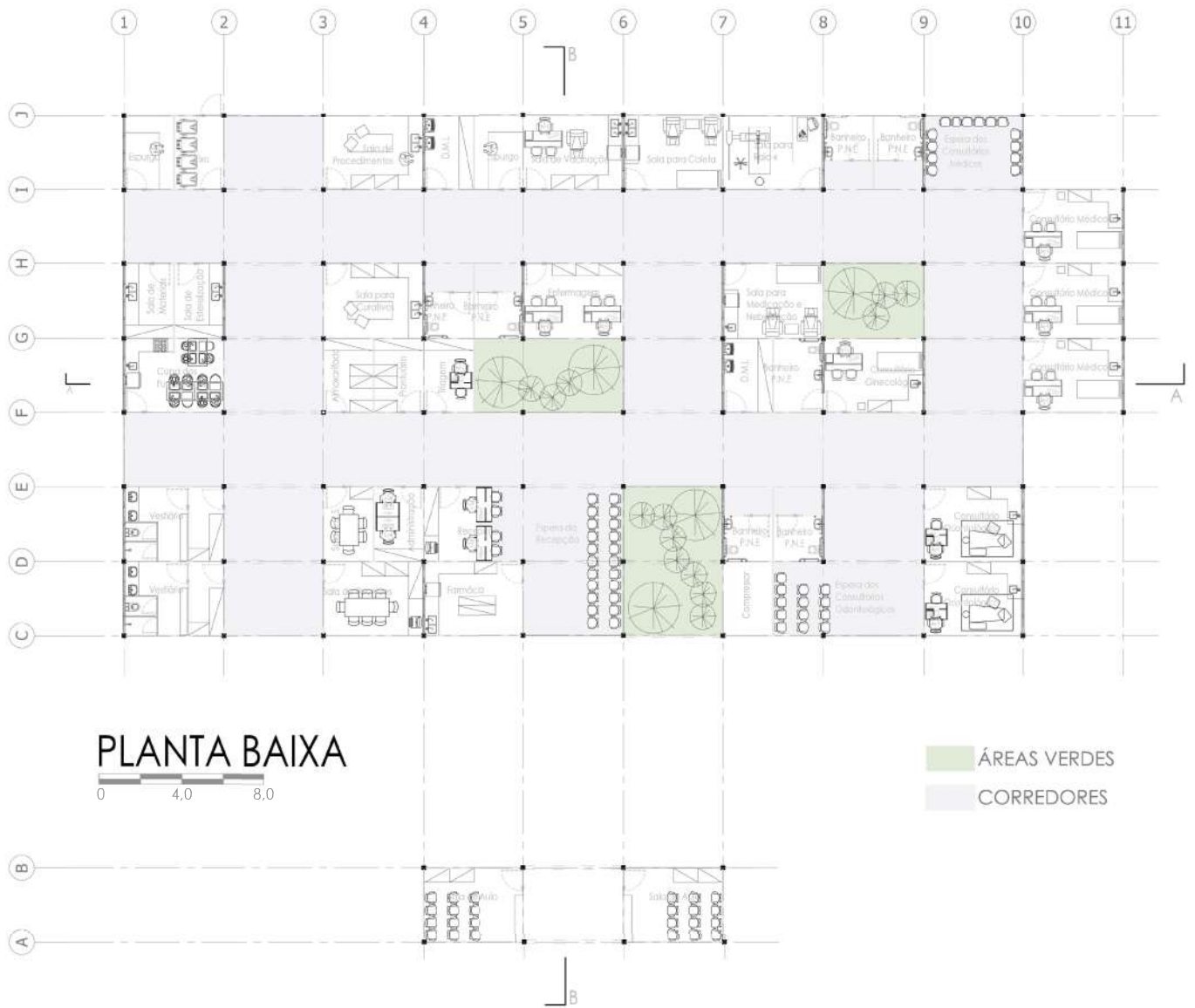


Corte AA



Corte BB





PLANTA BAIXA

0 4.0 8.0

ÁREAS VERDES
CORREDORES



Vista Externa 4



Vista Externa 5



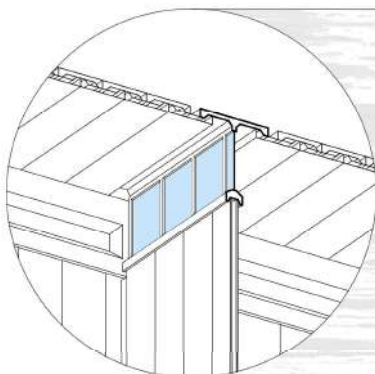
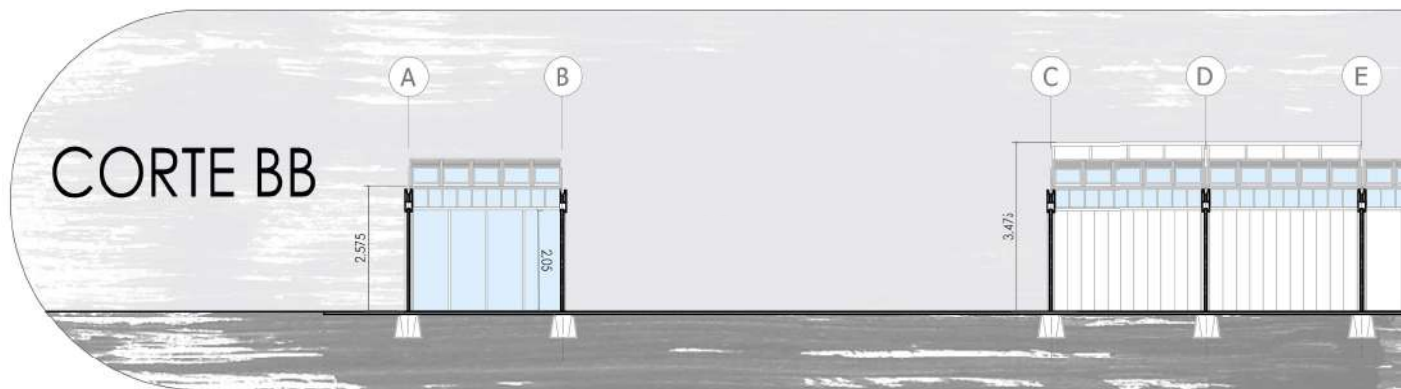
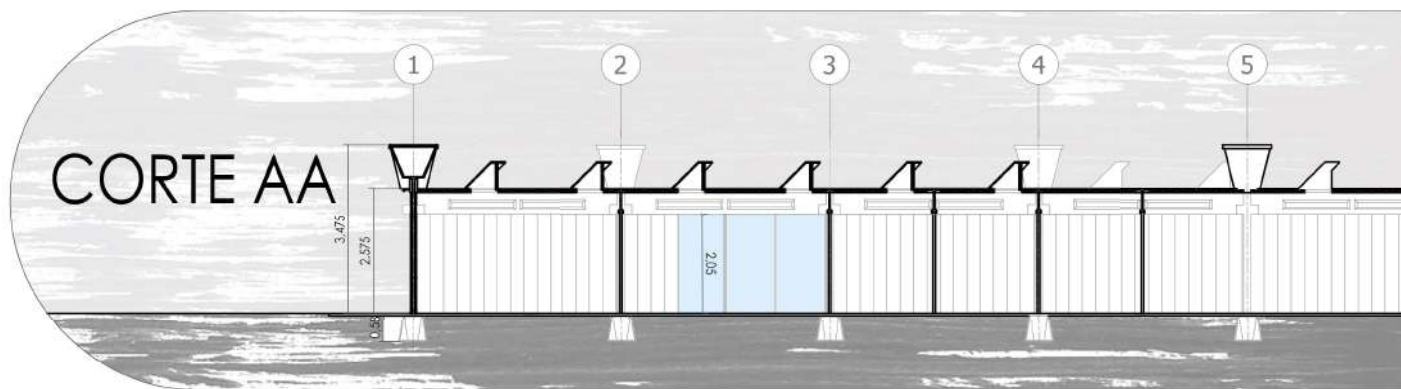
Vista Externa 1



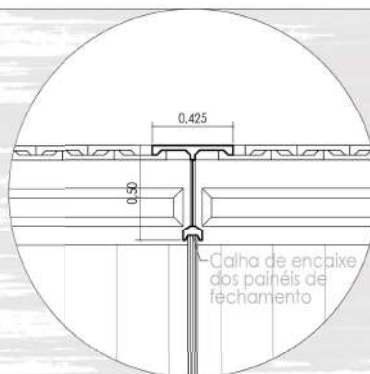
Vista Externa 2



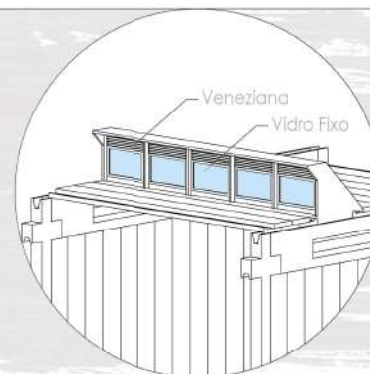
Vista Externa 3



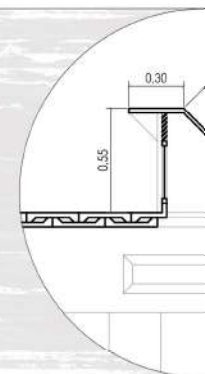
Det. 01a -
Perspectiva interna
do meio módulo



Det. 01b - Corte do
compensador de
meio módulo



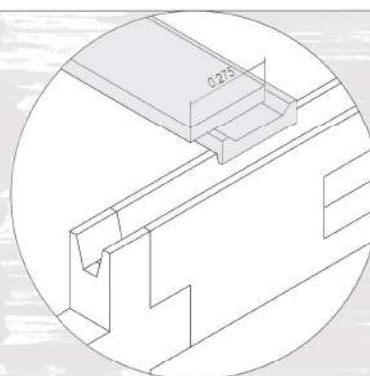
Det. 02a -
Perspectiva Módulo
de Shed



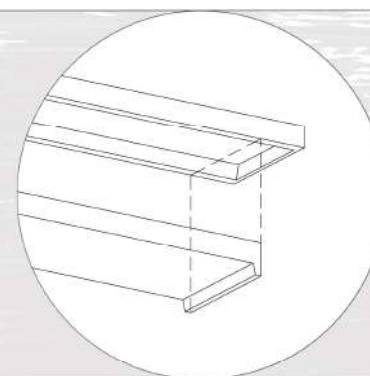
Det. 02b -
She



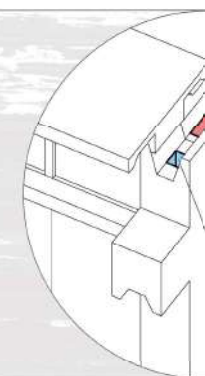
Det. 05a - Encaixe
dos painéis de laje
na viga



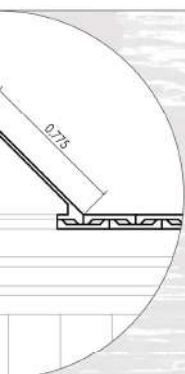
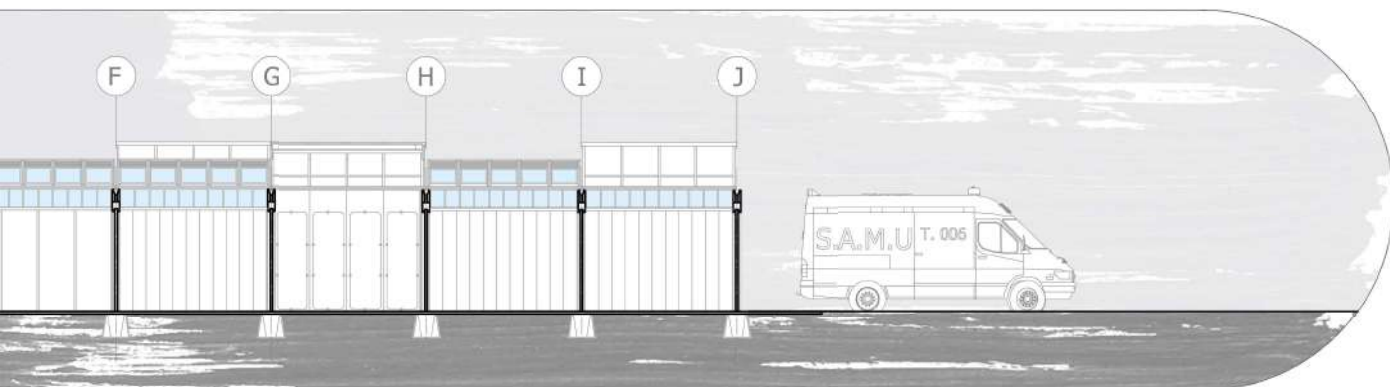
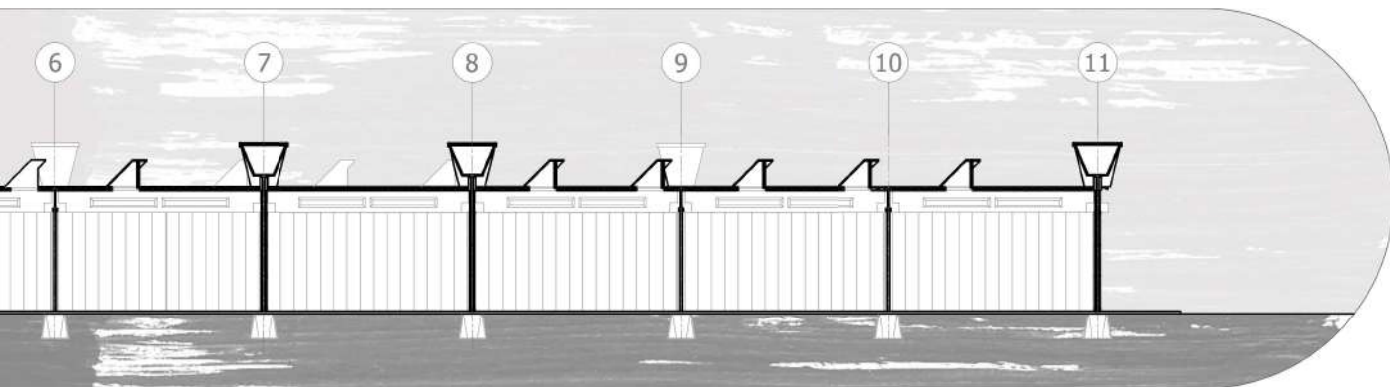
Det. 05b - Perspectiva
Superior dos Painéis
de Laje



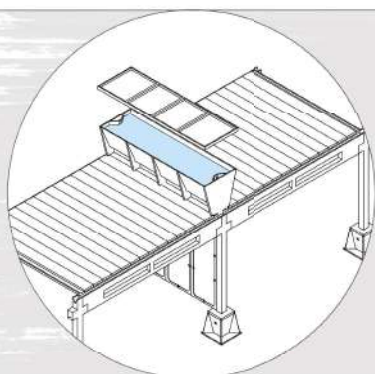
Det. 05c - Perspectiva
Inferior dos Painéis de
Laje



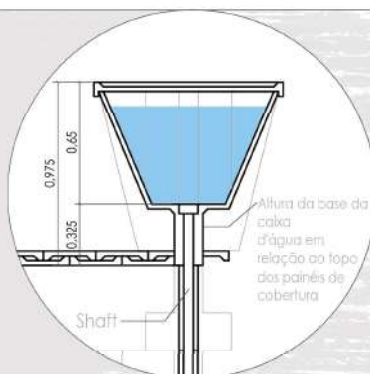
Det. 06a - Per
Janel
Argamassag



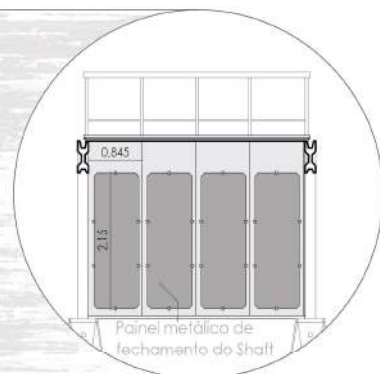
Corte do telhado



Det. 03a - Perspectiva da Caixa d'Água



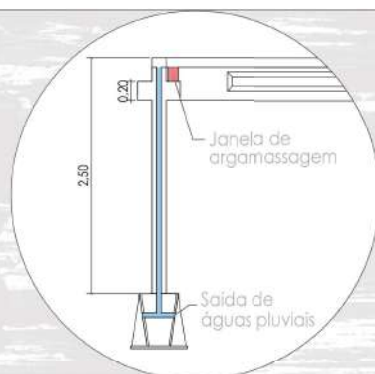
Det. 03b - Corte da Caixa d'Água



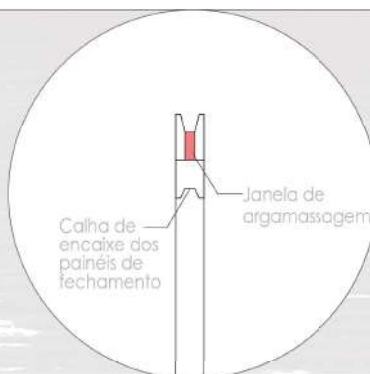
Det. 04a - Painéis de Shaft



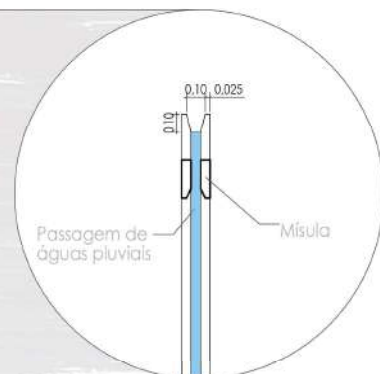
Perspectiva da Janela de Argamassagem e Lajes



Det. 06b - Corte do Pórtico Estrutural



Det. 06c - Corte na Janela de Argamassagem



Det. 06d - Corte no Tubo de Queda de Águas Pluviais



Vista Aérea





Vista Interna 1- Recepção



Vista Interna 2



CIDADE PARA O PEDESTRE

Visando oferecer infraestrutura para o pedestre e promover a conexão de estruturas importantes para a cidade, a proposta urbana requalifica a região do centro com a implantação de um eixo verde; expansão de via de pedestre; reestruturação viária; e valorização de novos fluxos de mobilidade.

Amanda Macarini

7º Sem. FAU PUC Campinas

Bruna Terreri

7º Sem. FAU PUC Campinas

Gabriel Beneduci

7º Sem. FAU PUC Campinas

Giovanna Degasperi

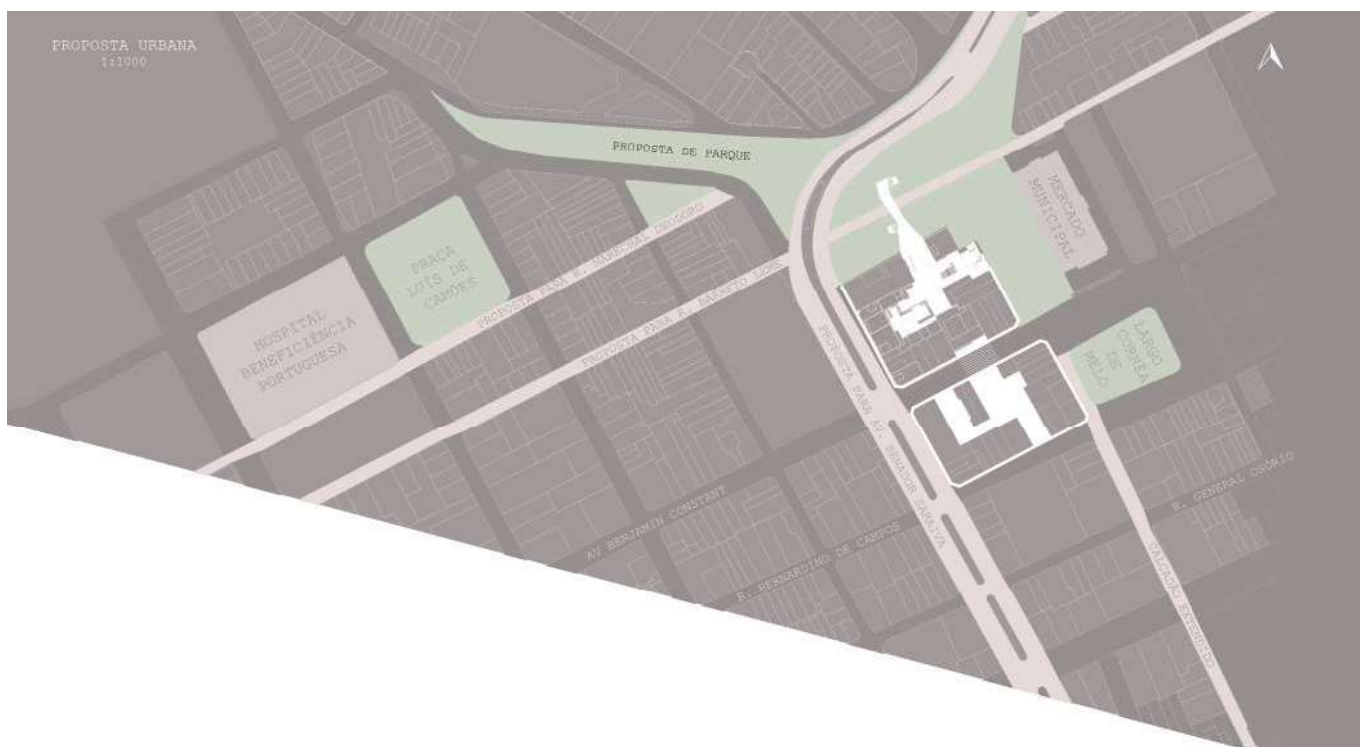
7º Sem. FAU PUC Campinas

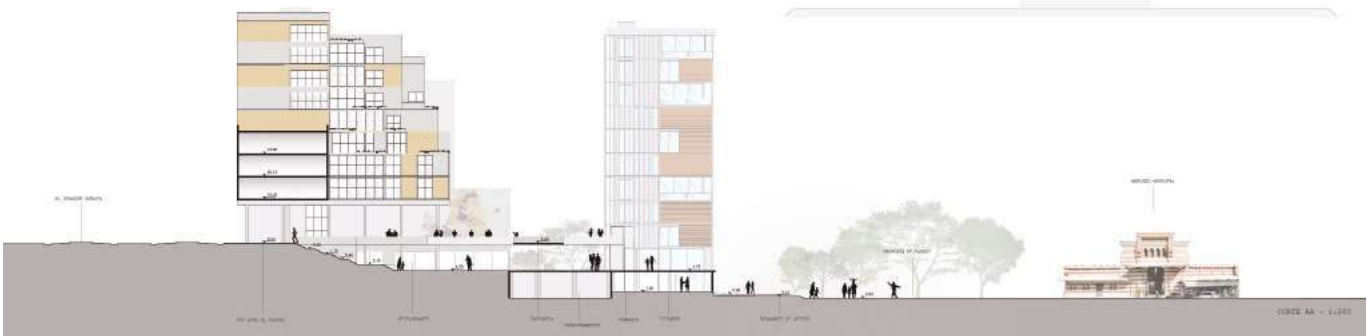
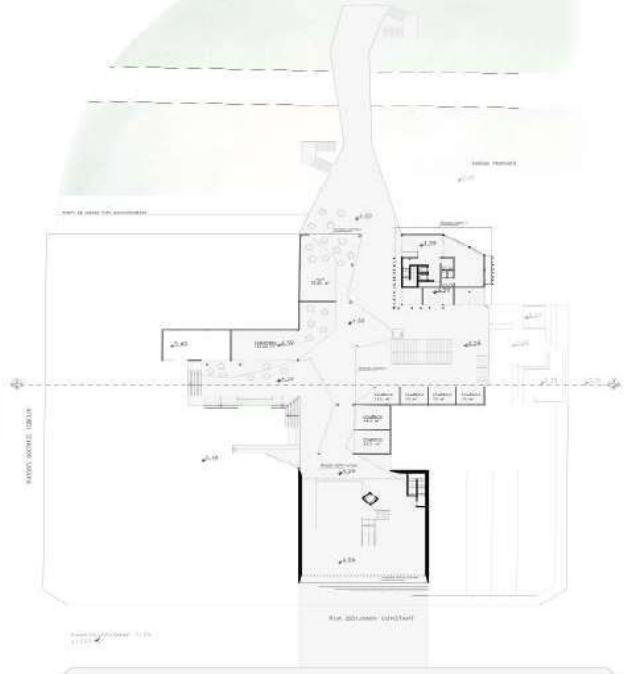
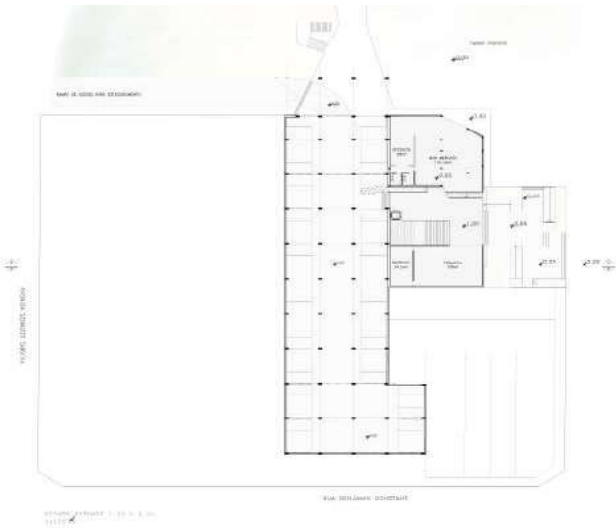
Luiza Yuri Oi

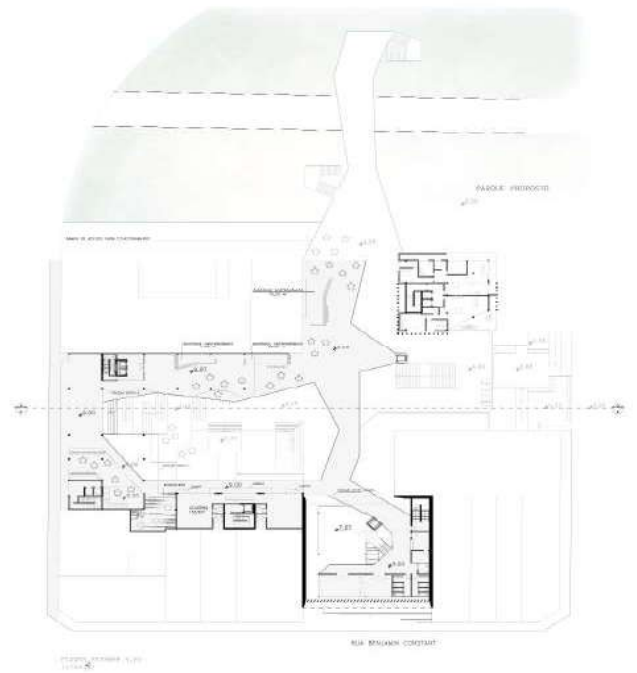
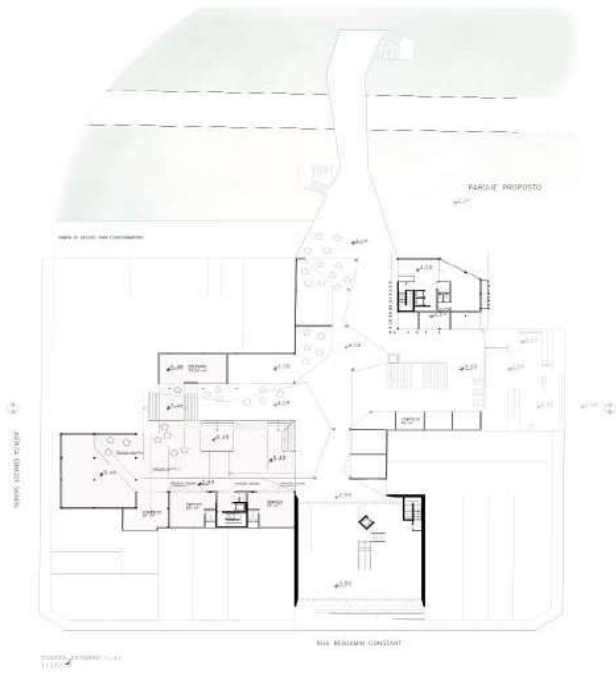
7º Sem. FAU PUC Campinas

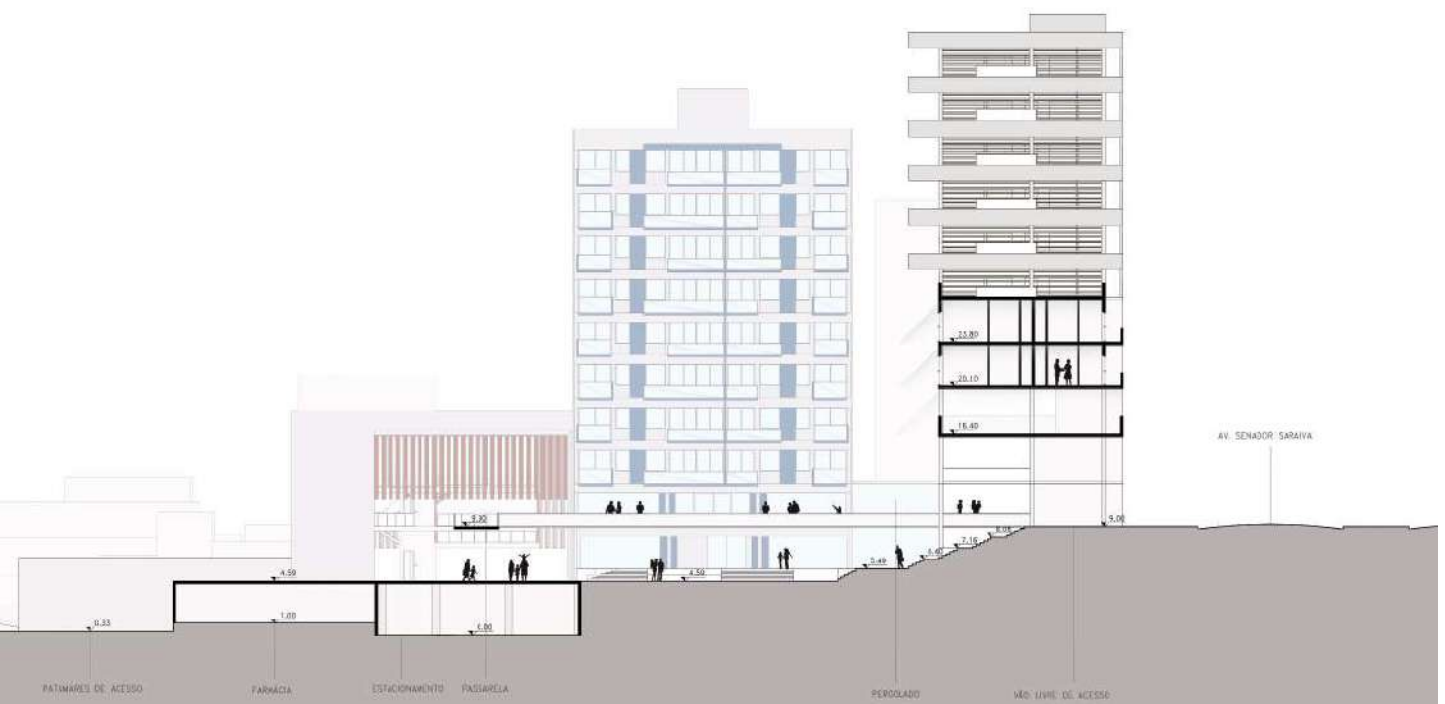
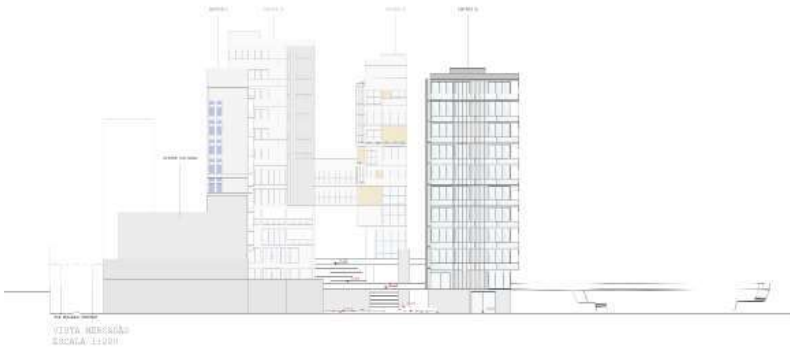
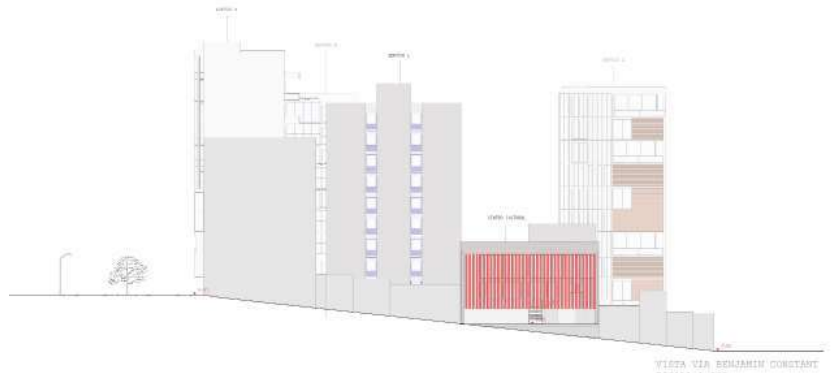
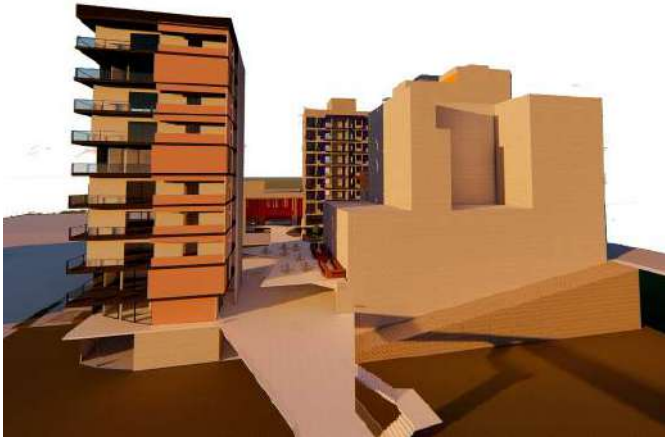
Foram escolhidas duas quadras para intervenção, mas o foco principal se deu na quadra em frente ao Mercado Municipal de Campinas, na qual foram propostos 5 novos edifícios, três mistos com comércios, serviços e habitações, um apenas habitacional e um centro cultural. Todos pensados para manter uma coerência de gabaritos com os edifícios existentes e criar movimento para esse miolo de quadra, o qual possui um desnível de 9 metros, vencido através de patamares intermediários e circulações verticais cuidadosamente alocados, não perdendo o eixo e criando um passeio agradável para o pedestre.

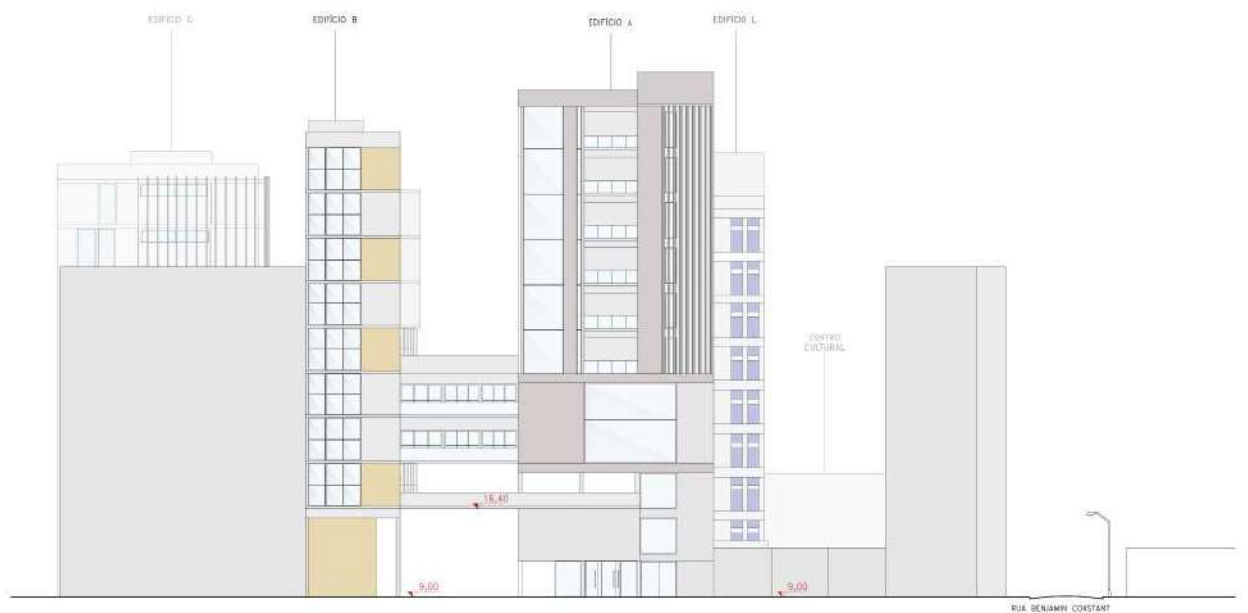
Foi criado um eixo, que cruza a Rua Benjamin Constant e cria uma cota intermediária (4.59) entre as duas quadras escolhidas primeiramente e outro que liga a Av. Senador Saraiva com o Mercado Municipal de Campinas. Foi proposta também uma extensão do patamar na cota 9.00, constituído por um anel que funciona como passarela, mirante e percurso que leva até comércios, serviços e ao centro cultural. Em cada patamar foram colocados comércios, serviços, áreas de permanência e áreas verdes para atender ao público, criando desenhos interessantes para o projeto.





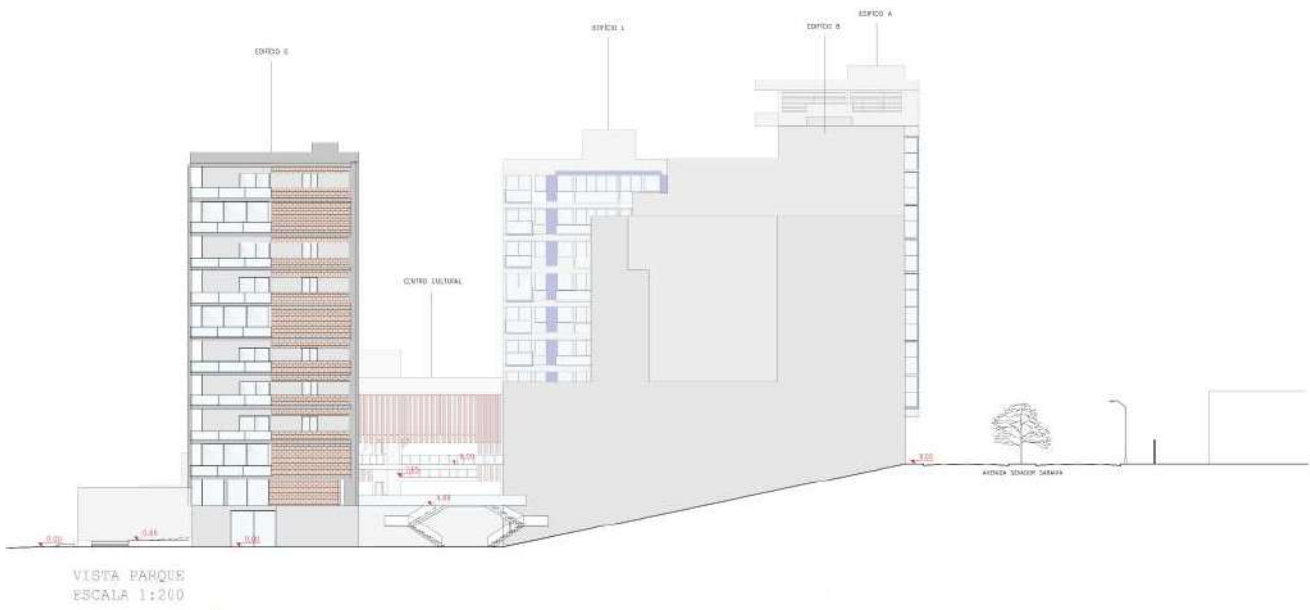
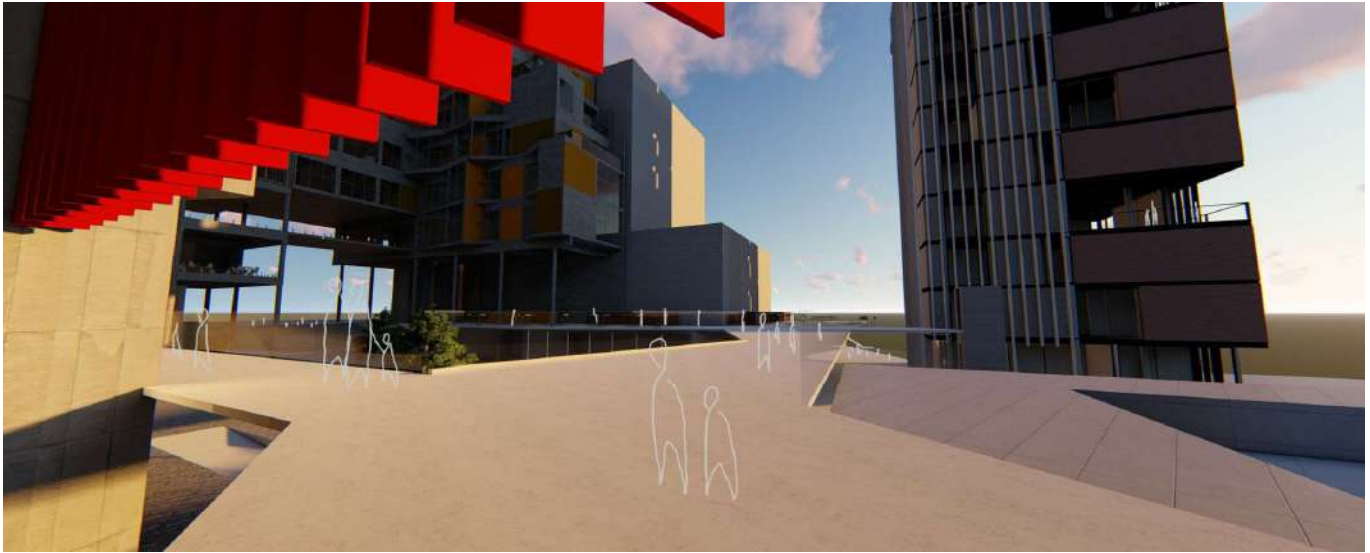






VIA SENADOR SARAIVA
 ESCALA 1:200





BOSQUE DA CONQUISTA

Trabalho Final de Graduação da Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo da PUC-Campinas
2º semestre de 2018

Breno Pilot
Arquiteto e Urbanista

Antonio Fabiano Jr
Orientador

O presente trabalho foi elaborado como Trabalho Final de Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Campinas em dezembro de 2018, e orientado pelo prof. Ms. Antonio Fabiano Jr. A proposta se resume, conceitualmente, na proposição de novas abordagens em relação a valores consolidados na nossa sociedade, sobre meio ambiente, sobre vida e morte, e sobre os buracos da cidade. Na prática, se dá na ocupação de um espaço em conflito e na sua retomada para atividades coletivas e de fortalecimento da comunidade. A madeira e a terra, no fragmento de um parque, representam a transformação de conceitos e matérias, assim como o estreitamento da relação entre paisagem natural e construída.

CONTEXTUALIZAÇÃO | A VILA BELA

A Vila Bela é um bairro localizado na subprefeitura de São Mateus, mais especificamente na divisa entre os distritos de São Rafael e Iguatemi. Nas delimitações administrativas, faz parte da Zona Leste 2 do município de São Paulo, uma região caracterizada pela histórica presença de indústrias e vilas operárias. O desenvolvimento da cidade, com o passar do tempo, se baseou em um projeto onde o Estado concentrava investimentos em regiões de interesses econômicos, o que gerou marcantes desigualdades socioespaciais, assim como a clara diferença de oportunidades, levando à ocupação desenfreada e o adensamento populacional das periferias.

O plano urbano no qual o presente trabalho se sustenta foi construído sob duas principais premissas: conexões- da Zona Leste com São Paulo (centro) no entendimento do espaço da metrópole, e da Vila Bela com seu entorno e as principais infraestruturas da região, através de modais de mobilidade em escalas micro, médio e macro -, e fortalecimento da comunidade espalhado pelo sistema de espaços livres através da promoção de espaços que abraçam atividades do cotidiano privado no ambiente coletivo: a Casa Pública, sejam ruas, calçadas, corpos d'água, vazios urbanos e até lajes e garagens. O espaço público é o lugar materializado do coletivo. Ele pode ter infinitas formas, jeitos e vocações, mas é sempre isso: o território da experiência e o lugar que dá forma a ela.

O teor não programático do trabalho é desejado e importante, por procurar se inserir em um processo participativo, mesmo que incipiente, partindo da aproximação com lideranças políticas atuantes na Vila Bela desde seu início. A evidência da contraposição entre público vs. privado parte da premissa da Casa Pública, entendendo alguns programas domésticos como infraestruturas públicas: banheiros, chuveiros, cozinhas, lavanderias e varais coletivos. (PILOT, SANTOS, CARLOS JR., AZEVEDO, 2018, p.16)

O PARQUE

A urbanização violenta e desmedida nas periferias da cidade corta ao meio lugares



Figura 01 – Vila Bela

importantes, para pessoas e animais, para a manutenção do meio ambiente e para a renovação da vida. O parque Jardim da Conquista é um remanescente de Mata Atlântica localizado na porção noroeste da área de estudo e, no início dos anos 2000, foi rasgada pela av. Jacu-Pêssego, que surgiu como um braço do rodoanel leste.

No lado oeste da avenida, o que resta hoje é um maciço arbóreo delimitado por três vias locais e dominado pelas forças alternativas à ausência do Estado, que estipulam dois usos para este território que, em grande medida, trazem significados negativos para o mesmo. Estes são: a desova de corpos e o desmanche de carros. Resto de espaço para objetos sociais.

Em uma área que contempla tais questões, além de especificidades como a topografia acentuada, a nascente de um dos córregos do bairro e uma mata alta e densa, o projeto de arquitetura surge para a ressignificação. Resignificar espaços e conceitos da vida humana. O meio ambiente em que vivemos e a relação do homem com a natureza. A vida e a morte, do meio natural, do construído e dos seres humanos. É preciso entregar-se aos espaços para habitá-los. O corpo humano, em sua grande variedade de formas, é o que deve guiar a construção desta morada comum. Nossos corpos querem uma cidade que preze pela construção coletiva e pela liberdade de pensá-la, repensá-la e reinaugurá-la sempre.

A VIDA E A MORTE

A morte tem importância fundamental para a existência. Ela é apenas mais um instante da vida, como todos os outros. Como todos os outros instantes, que morrem e não voltam mais. Porém, a consciência da morte é o que nos faz viver, é o que nos traz a noção de tempo, e o que dá sentido à vida.

Na antiguidade, o paganismo (pagus = terra onde se planta/habita) tratava a morte como algo sagrado. O homem (humus = feito de terra) ancestral da família era enterrado, sacralizando aquele lugar, tornando-o fértil e próspero. “Tu és pó, e ao pó retornarás”. A idade moderna, entretanto, inaugura o dualismo vida x morte e, junto ao racionalismo, nos afasta do pensamento crítico sobre quais são suas razões e como enfrentá-las. “Não se pode olhar de frente, nem o sol, nem a morte.” - La Rochefoucauld. A vida e a morte se tornam inconciliáveis.

A contemporaneidade, por sua vez, nos levou à banalização da morte, traduzindo-a em fenômenos biológicos (puberdade, envelhecimento), sociais (taxas de mortalidade), demográficos (envelhecimento da população), naturais (previsível, investigável), e até públicos (dever do Estado, certidão de óbito). Tais interpretações nos afastam dos reais significados das coisas, e até nos impedem de parar para pensar e, de fato, superar significados impostos pela sociedade.

Por que não, então, indagar sobre a relação que temos com a morte? A perda de alguém tem que significar apenas dor e sofrimento? Qual o aprendizado que podemos tirar disso? Como fazer com que, de fato, a morte tenha algo a nos ensinar sobre a vida? Como traduzir isso através da proposição de espaços e a ressignificação de lugares?

Se, como Nietzsche afirmou, “nossa vida, como toda vida, é ao mesmo tempo uma morte perpétua”, aqui entende-se que é preciso encarar a realidade de cada momento, que não volta, fortalecendo as conexões com aquilo que nos mantém vivos - sejam pessoas, lugares, hábitos ou ideias -, a fim de ressignificar nossa existência ou, pelo menos, cada dia vivido e sobrevivido por nós.

LEITURA E ABORDAGEM | TERRITÓRIO

Este fragmento do Parque Jardim Nova

Conquista é um remanescente de maciço arbóreo denso, exemplar do que era a Mata Atlântica antes da ação antrópica (muitas vezes) violenta neste território. Caracterizado por declividade acentuada, cerca de 30m de desnível entre o ponto mais alto e o mais baixo, as dobras do terreno geram marcantes linhas de drenagem e de festo, sinalizando, também, a nascente do córrego que dali sai e determina o traçado urbano da ocupação a oeste do recorte.

Delimitado pelas ruas Oscarito e Abelardo Barbosa e pela travessa Ayrton Senna, este remanescente, hoje em dia, se apresenta como um vazio urbano, não ocupado por atividades formais ou qualificadas para uso público. O que significa, então, um território que apresenta enorme potencial - seja em aspectos ambientais, como naqueles relacionados a equipamentos públicos de lazer ou mesmo lugares de afeto-, permanecer vazio?

Segundo informações concedidas por uma das líderes comunitárias do bairro, Edilene Silva,

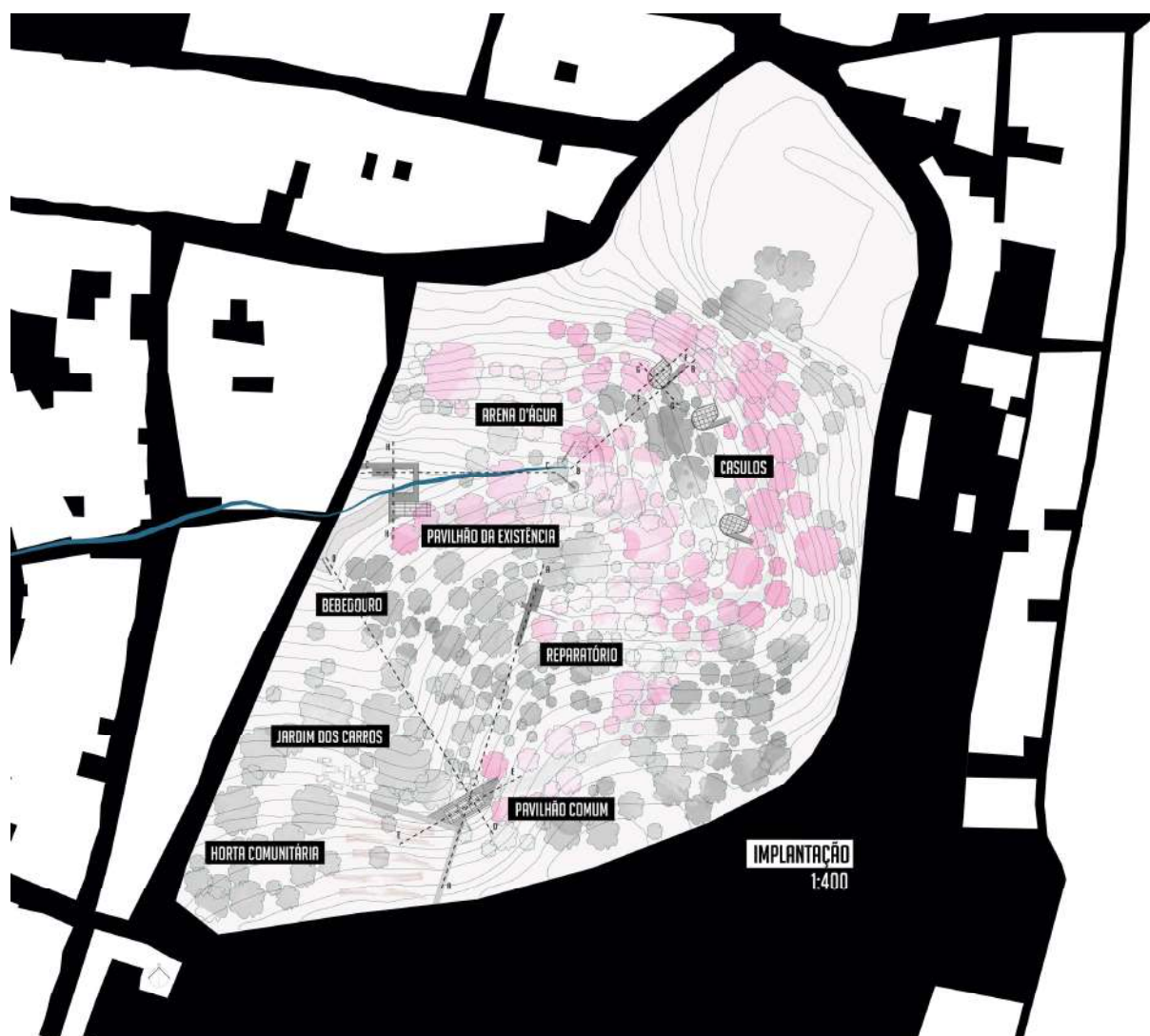


Figura 02 – Implantação

são duas as práticas atribuídas àquele local: o desmanche informal de carros e a desova de corpos. Em um território marcado pela política de ausência do Estado, forças alternativas regem as dinâmicas socioespaciais, impedindo aquele lugar de ter qualquer uso dedicado às pessoas e seu cotidiano. Pelo simples fato de levarem significados negativos ao território, estas questões simbolizam a morte de um espaço que poderia e deveria participar do fortalecimento coletivo, assim como o afastam de se tornar palco para transformações socioespaciais alavancadas pelas pessoas, pela própria comunidade.

O lugar é um vazio, um buraco no meio do mesmo buraco que é a Vila Bela, esquecida pela cidade e desconectada da mesma.

O projeto de arquitetura surge, então, como o Bosque da Conquista. Aqui, a intenção não é só a busca pela provocação e questionamento da visão que as pessoas construíram daquele lugar, mas também de pensar em formas ou contraformas de intenção e resistência, como essência e origem, que possam aflorar o potencial ambiental, social e coletivo que o território apresenta.

Dois pavilhões, três casulos, uma arena, um mirante e um bebedouro compõem a proposta, além de inúmeras possibilidades de caminhos desenhados pelo próprio uso feito pelo caminhar. Implantados nas clareiras da densa massa arbórea, os espaços construídos pretendem tocar o chão, grampeando as dobras do terreno, agredindo-o o mínimo possível e abrandando a contraposição entre paisagem natural e construída, criando pontos de luz no buraco deixado e ignorado pelo ser humano. Pequenas sombras fluídas, capazes de se abrir completamente, redefinem a ideia de permanência e passagem, portal e porta, ao mesmo tempo que questionam o uso privado-público-indivíduo-coletivo. São pequenas grapas no chão criando uma linha tênue que separa e define o conceito e o espaço.

PROCESSOS

A arquitetura tem como pressuposto o respeito ao território - social, político, histórico, econômico, espacial - para que este, juntamente às pessoas, protagonize toda e qualquer ação humana. Deve ser palco para a vida, enraizado em cheios e vazios, fixos e fluxos, encontros e despedidas, celebração e calma.



Figura 03 – Pavilhão Comum

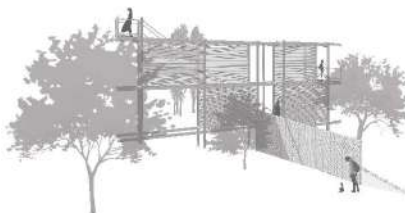


Figura 04 – Reparatório

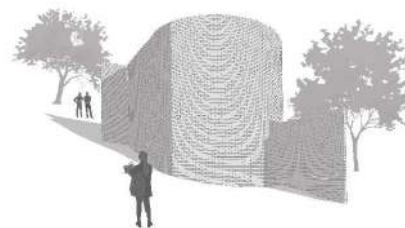


Figura 05 – Casulo



Figura 06 – Pavilhão da Existência

“Tem alguns sentimentos que são lugares comuns. o amor, a dor, a morte. A gente acha que é tão único mas todo mundo sente igual. Não de forma idêntica, mas igual.” Antonio Fabiano Jr. em conversas pessoais.

Acredita-se, também, que o uso é proveniente e produtor do espaço. por isso, qualquer atitude em desenhar caminhos e impor movimentos dentro do bosque apresenta-se opressora, além de não se adequar à proposta de ressignificar os valores pré-existentes ali. A intenção não é criar um novo lugar a partir de uma ideia definida pela materialidade do desenho imposto, mas propor espaços comuns a partir da experiência e vivência cotidiana, constituída pelo poder do tempo a partir do reconhecimento, reflexão e sonhos ali realizados.

“Porque arquitetura é fato. ato no mundo para outrem. O desenho some e ficam as coisas para as outras pessoas que, estas sim, desenham no seu ir e vir da existência os verdadeiros significados.” - Vera Luz em conversas pessoais.

*O projeto completo pode ser encontrado na página virtual do autor, através da plataforma Issuu e pelo link: issuu.com/brenopilot/docs/memorial_bosquedaconquista.

CENOGRAFIA E ARQUITETURA

ATENÇÃO: Para total compreensão deste trabalho é necessário o acompanhamento do conteúdo da revista paralelamente ao conteúdo presente no Instagram @arq.cenografia

Beatriz Cressoni
6º Sem. FAU PUC Campinas
Carolina M. Moretti
6º Sem. FAU PUC Campinas

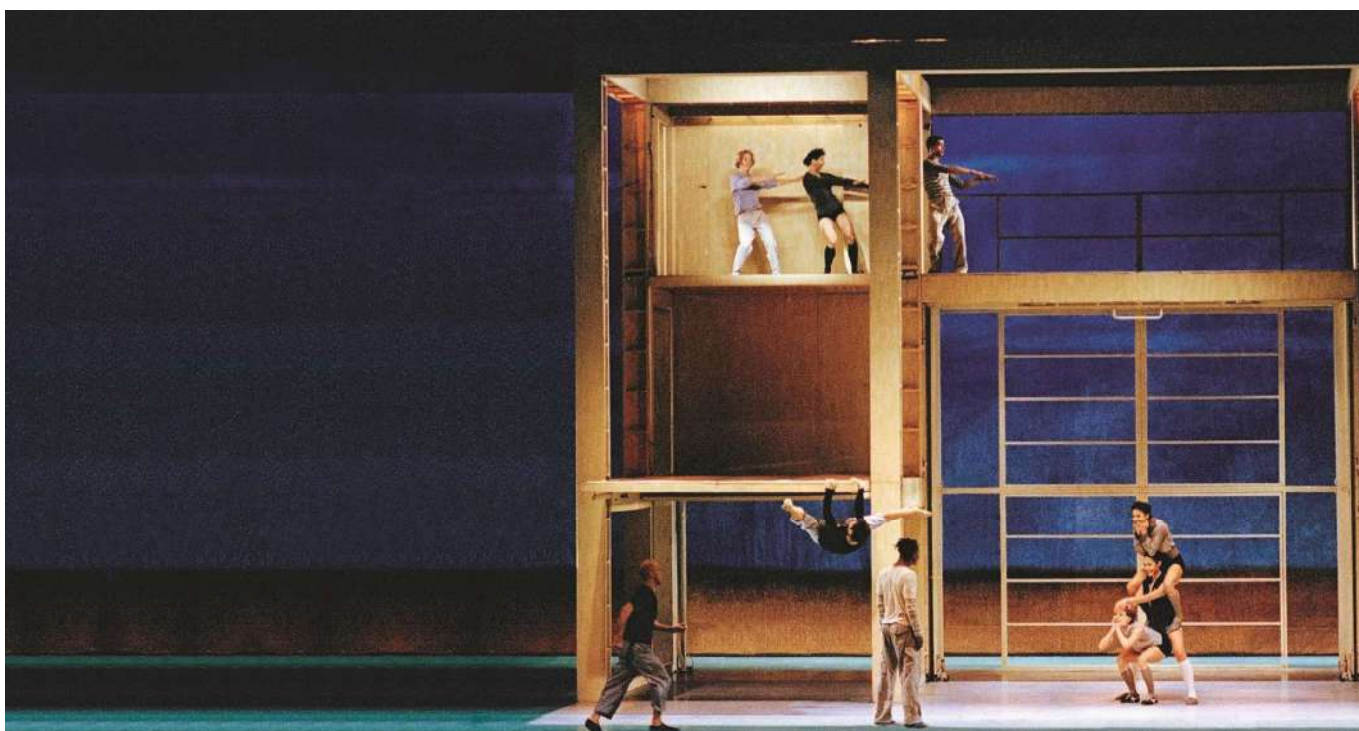


Figura 01

A CASA, GRINDO CARDIA, 2003

O cenário feito para a dança da coreógrafa Deborah Colker, é simples e sintético. Através de uma estrutura dominó de aço e madeira, o cenógrafo cria três níveis, os quais os dançarinos se intercalam para dançar.

O espaço criado não é somente uma estrutura para dar suporte aos dançarinos, mas sim a representação, com poucos elementos de uma casa. Os planos se mudam de acordo com a cena. Em alguns momentos é totalmente aberto, em

outros totalmente fechado e em outros é fechado e aberto. O que antes era uma parede agora é uma porta ou uma janela, ou então um elemento vazado, fazendo com que o espaço seja multifuncional. Dessa maneira, tem-se a ideia de uma habitação e suas relações. Dentro e fora são delimitados de uma forma sutil, se dá pela mudança da cor dos pisos.

Assistir: @arq.cenografia- VÍDEO 1

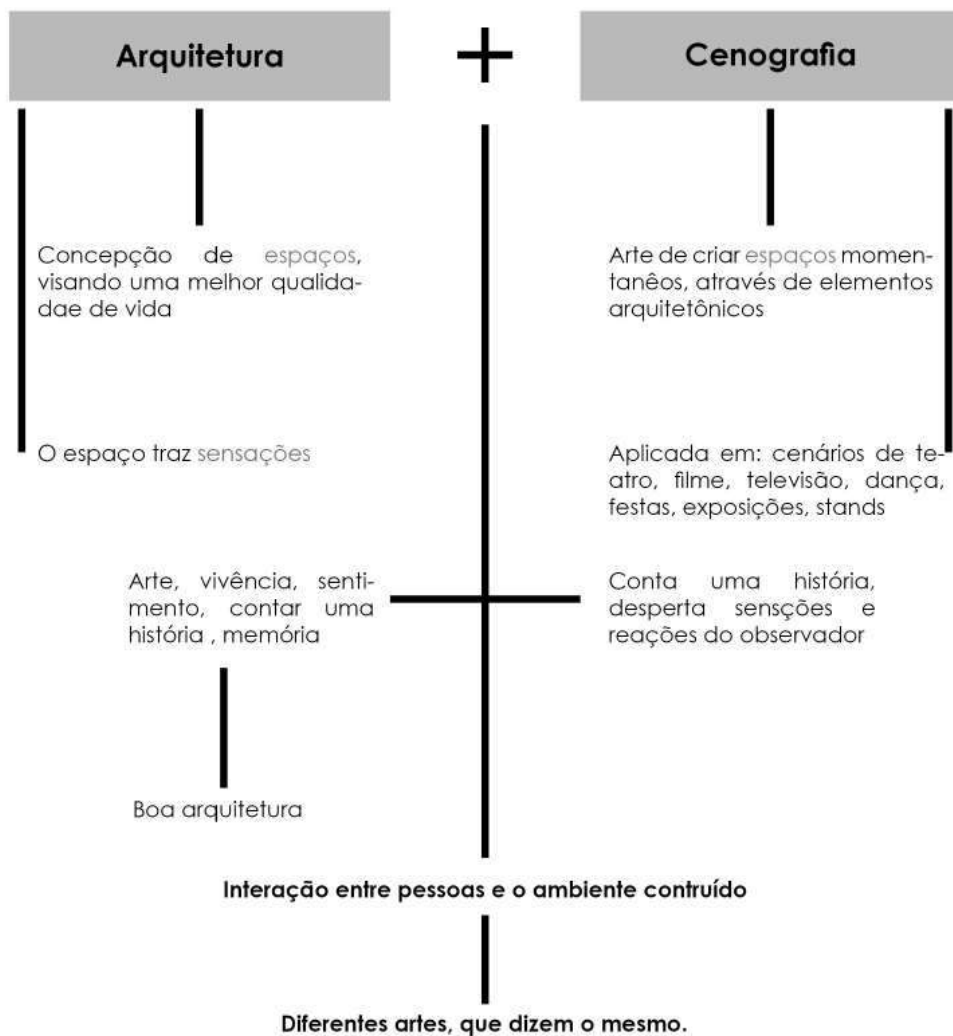


Figura 02



Figura 03



Figura 04



Figura 05

DEPOIS DA QUEDA, FLÁVIO IMPÉRIO, 1964

Flávio Império, através de planos horizontais em diferentes cotas de nível, constrói o espaço cênico para a peça Depois da queda. Durante as cenas esse espaço se torna vários outros, no entanto, fisicamente o cenário é estático. Há momentos que os planos são apenas um suporte físico, o qual os atores caminham e há momento que os planos viram móveis, sendo assim, multifuncional.

Apesar de se encontrar em um cubo perspectivo, o espaço criado, não possui paredes ou barreiras claras, não há um limite determinado, os planos poderiam continuar se expandindo infinitamente sem ter uma noção clara do que é dentro e fora.

A iluminação é utilizada para delimitar os espaços, quando necessário. Em algumas cenas, as quais nem todos os planos são utilizados, há um enfoque com a luz na área encenada, o fundo preto também contribui para que essa delimitação aconteça, fazendo com que o resto do cenário fique invisível e também a sensação de que os planos estão flutuando.

Assistir: [@arq.cenografia- VIDEO 2](#)



Figura 06



Figura 07

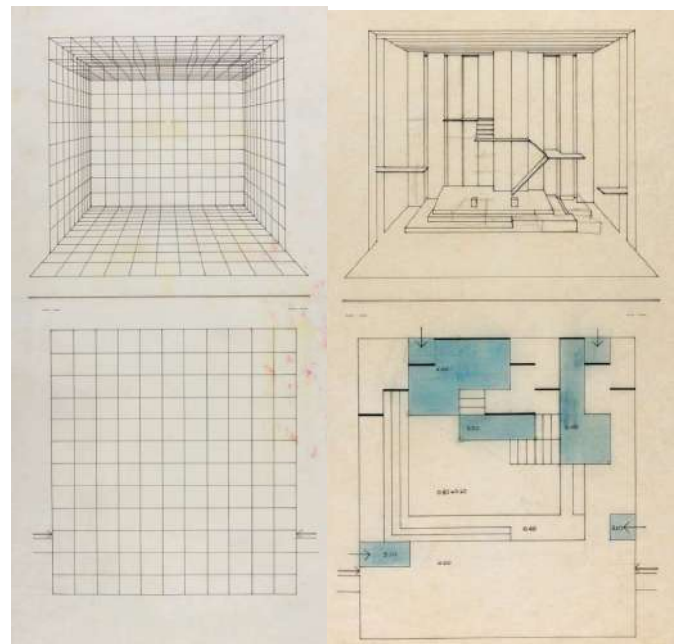


Figura 08



Figura 09

DON GIOVANNI, FRANK GHERY E RODARTE, 2003

Gehry e Rodarte trazem a dramaticidade da ópera de Dom Giovanni para o cenário. Esse é construído pelos contrastes, tanto da cor quanto da forma. Há duas cores que predominam o espetáculo, o preto e o branco, cores antônimas.

O branco se destaca em primeiro plano, nas formas geométricas e na forma que se assemelha a papéis amassados. No entanto, o preto também está presente, quase como um fundo, uma base para o branco. Há também uma forma orgânica preta, a qual a orquestra se encontra, essa não se encontra escondida da plateia e sim faz parte das encenações.

A iluminação é focal nos elementos centrais, os blocos e vai se dissolvendo até chegar em seu limite.

O espaço tem como essência os contrapontos. O rígido versus fluído, o lógico versus o sensível, o racional versus o irracional. O cenário é formado pela geometria e pela natureza. Em seu interior há um bloco geométrico de ângulos retos, rígido, cercado pela natureza que é fluída, orgânica, sensível, a qual se relaciona trazendo um impacto no espaço.



Figura 10

Assistir: @arq.cenografia- VÍDEO 3



Figura 11

CONCLUSÃO

Percebe-se através das análises das cenografias com as arquiteturas, que as duas apesar de serem artes diferentes e terem seu próprio espaço de atuação, querem dizer o mesmo, possuem um propósito em comum, o de passar sensações e gerar reações nas pessoas, entretanto a arquitetura cria um espaço na proporção do mundo, cidade, já a cenografia cria um espaço dentro da arquitetura, sendo assim, as proporções são diferentes.

Na arquitetura é necessário ter uma sensibilidade para entendê-la e essas percepções são de certa forma ingênuas, já a cenografia tem-se uma certa dramaticidade, um exagero teatral, é mais expressivo, o que torna mais fácil a compreensão, principalmente se houver complementos como luz ou encenação. O leigo não observa as questões arquitetônicas no dia-a-dia, devido as várias distrações, já na cenografia o foco é totalmente no palco, ou seja, a observação é mais atenta e as percepções são aguçadas.

Essas se utilizam e apoiam dos mesmos elementos para conceber e construir os espaços. A arquitetura não deixa de ser um cenário para as suprir

as necessidades humanas, enquanto a cenografia cria cenários temporários para suprir uma história. Tanto a cenografia quanto a arquitetura projetam os espaços através de linhas, planos e volumes, no entanto em escalas diferentes.

No cenário da A Casa, Cardia, cria uma fachada viva, mostrando seus cotidianos assim como o edifício Corujas.

Na peça Depois da queda, Império cria os espaços com planos horizontais, esses planos também são utilizados na concepção de um espaço arquitetônico como nas praças de Lawrence Halprin.

Na galeria Adriana Varejão, os arquitetos trabalham com um volume central, rígido que impacta na percepção do ambiente, assim como na cenografia de Frank Gehry.

Portanto, chegamos a conclusão que tanto uma boa arquitetura quanto uma boa cenografia, são aquelas que sabem reconhecer e utilizar da melhor maneira seu entorno e seu espaço de atuação, entendendo a história e a cultura do local de atuação. Este também deve-se falar por si só, sem grandes explicações. As duas artes são suportes para os seres humanos, a arquitetura para vivência e a cenografia para a história que o ator está contando.



Figura 12

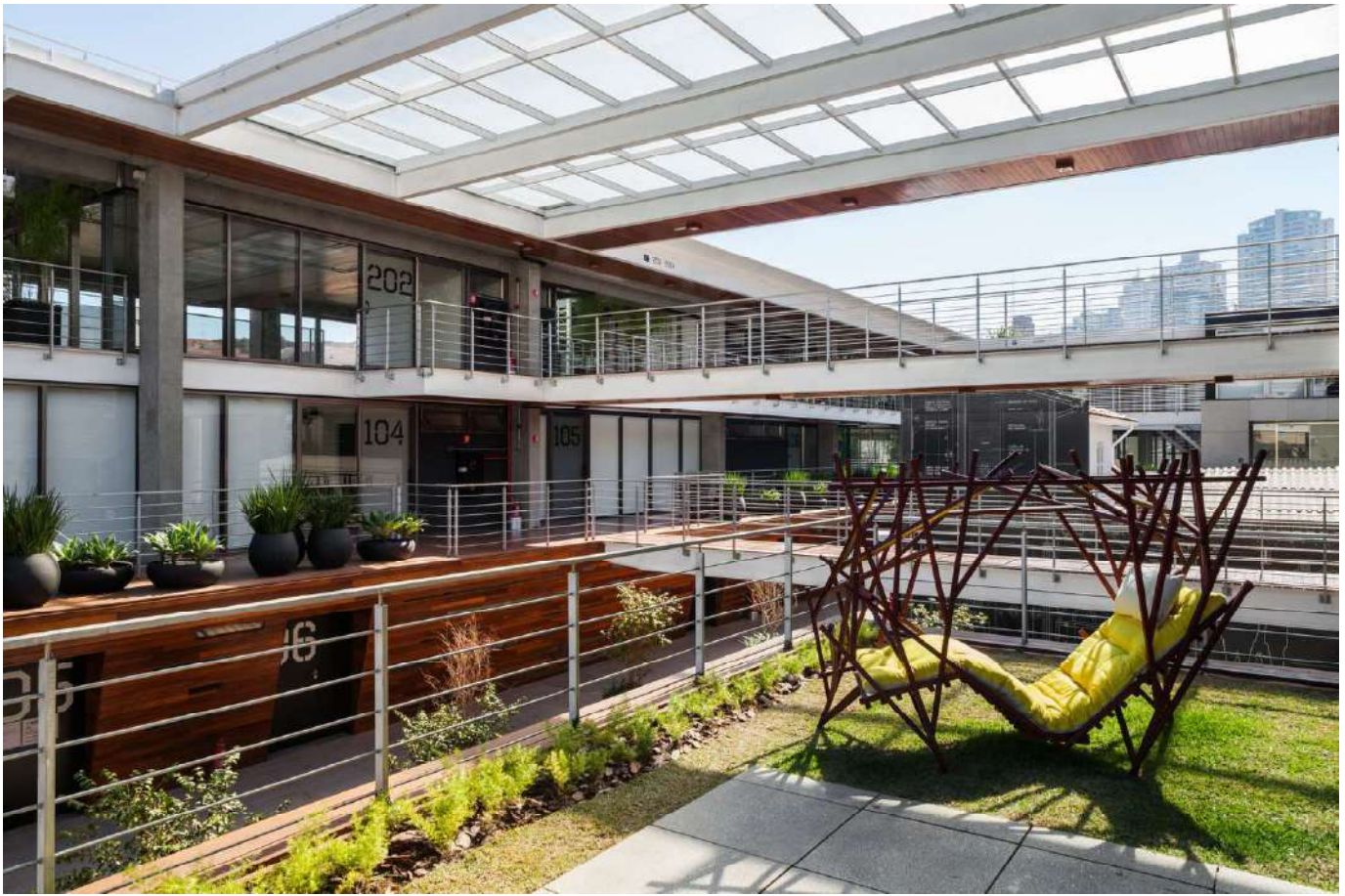


Figura 13

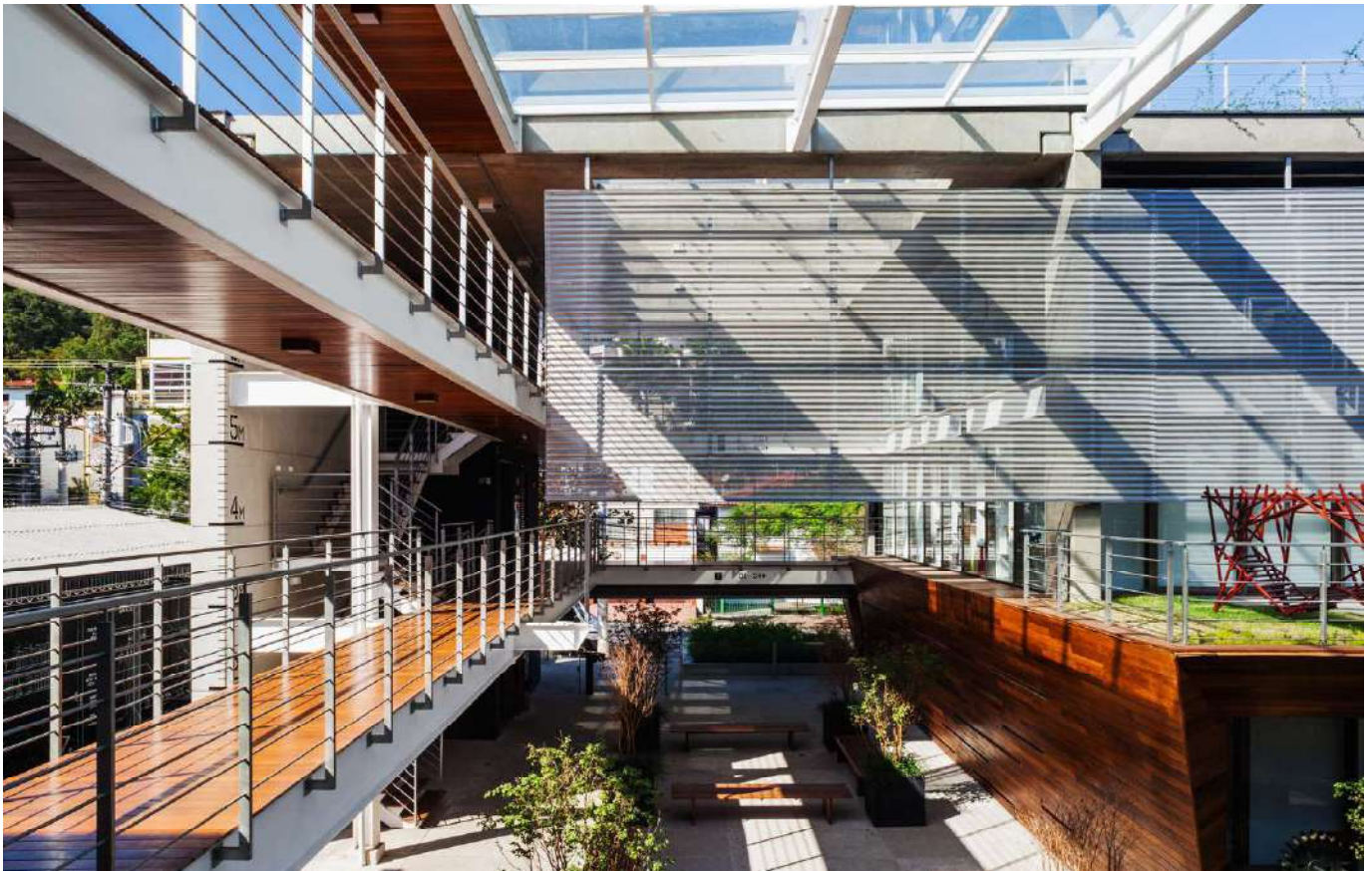


Figura 14



Figura 15



Figura 16



Figura 17



Figura 19



Figura 18

BIBLIOGRAFIA

Imagem 2 a 4 e 12. Fonte: <https://gringocardia.com.br/fotos.aspx?p=dance&id=439>. Acesso em: Junho 2019

Imagem 5. Fonte: <http://www.flavioimperio.com.br/galeria/507756/507772>. Acesso em: Junho 2019

Imagem 6. Fonte: <http://www.flavioimperio.com.br/galeria/507756/507783>. Acesso em: Junho 2019

Imagem 7. Fonte: <http://www.flavioimperio.com.br/galeria/507756/507780>. Acesso em: Junho 2019

Imagem 8. Fonte: <http://www.flavioimperio.com.br/galeria/507756/507762>. Acesso em: Junho 2019

Imagem 9. Fonte: <https://www.dezeen.com/2012/07/03/don-giovanni-set-design-by-frank-gehry/>. Acesso em: Junho 2019

Imagem 10. Fonte: <http://www.detnk.com/node/11418>. Acesso em: Junho 2019

Imagem 11. Fonte: https://www.archdaily.com.br/01-64826/cenografia-e-arquitetura-don-giovanni-gehry-mais-rodarte/64826_64834. Acesso em: Junho 2019

Imagem 13. Fonte: <https://www.archdaily.com.br/787289/edificio-coruja-fgmf-arquitetos/572c23a4e58ece5296000015-coruja-building-fgmf-arquitetos-photo>. Acesso em: Junho 2019

Imagem 14. Fonte: <https://www.archdaily.com.br/787289/edificio-coruja-fgmf-arquitetos/572c24efe58ece529600001a-coruja-building-fgmf-arquitetos-photo>. Acesso em: Junho 2019

Imagem 15. Fonte: <http://vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/13.051/4405>. Acesso em: Junho 2019

Imagem 16 e 17: <https://tclf.org/landscapes/freeway-park>. Acesso em: Junho 2019

Imagem 18. Fonte: https://www.archdaily.com.br/01-64826/cenografia-e-arquitetura-don-giovanni-gehry-mais-rodarte/64826_64830. Acesso em: Junho 2019

Imagem 19. Fonte: <https://www.inhotim.org.br/inhotim/arte-contemporanea/obras/galeria-adriana-varejao/>. Acesso em: Junho 2019

DEPOIS DA QUEDA. Disponível em: <http://www.flavioimperio.com.br/projeto/507756>. Acesso em: 13 jun. 2019.

CENOGRAFIA E ARQUITETURA, FRANK GEHRY + RODARTE. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/01-64826/cenografia-e-arquitetura-don-giovanni-gehry-mais-rodarte>. Acesso em: 13 jun. 2019